

Até que enfim é segunda-feira

Apaixone-se pelo seu trabalho
e transforme sua vida

Marcelo Reis



A paixão gera uma energia poderosa no Ser Humano capaz de fazê-lo enfrentar qualquer desafio e superar todos os obstáculos.

Existem pessoas apaixonadas pelo que fazem, pelo seu trabalho e pelos seus empreendimentos. Essas pessoas se diferenciam das demais, emanam uma aura de felicidade, contagiam os outros, são capazes de criar, de transformar as coisas e mudar o mundo.

***Até que enfim é segunda-feira** é um manifesto pela paixão no trabalho. É um livro para quebrar o paradigma de que trabalho é sacrifício. O trabalho pode gerar prazer, e você vai saber como a partir da história real vivida pelo autor e por outras pessoas.*

Você fará uma viagem no tempo pelos últimos 50 anos e verá como a maioria das pessoas fazia suas escolhas profissionais, levando em consideração fatores que nem sempre estavam ligados à sua verdadeira essência.

Ao final, você terá a certeza de que nunca é tarde para mudar, resgatar sonhos e realizá-los. É uma leitura obrigatória para quem quer fazer escolhas certas na vida profissional e ter mais chances de alcançar o sucesso e a felicidade.

Marcelo Reis

Até que enfim é segunda-feira

Apaixone-se pelo seu trabalho
e transforme sua vida



Edição revisada e atualizada
Jul 2020

Até que enfim é segunda-feira
Apaixone-se pelo seu trabalho e transforme sua vida
Marcelo Reis

Rio de Janeiro: Instituto Imprendere, mar 2013
Revisado e atualizado em jul 2020

Copyright © Marcelo Reis

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Direitos exclusivos desta edição reservados pelo autor
Rua Adolfo de Vasconcelos, 444 – B1 1 /904
Barra da Tijuca – Rio de Janeiro, RJ – 22793-380



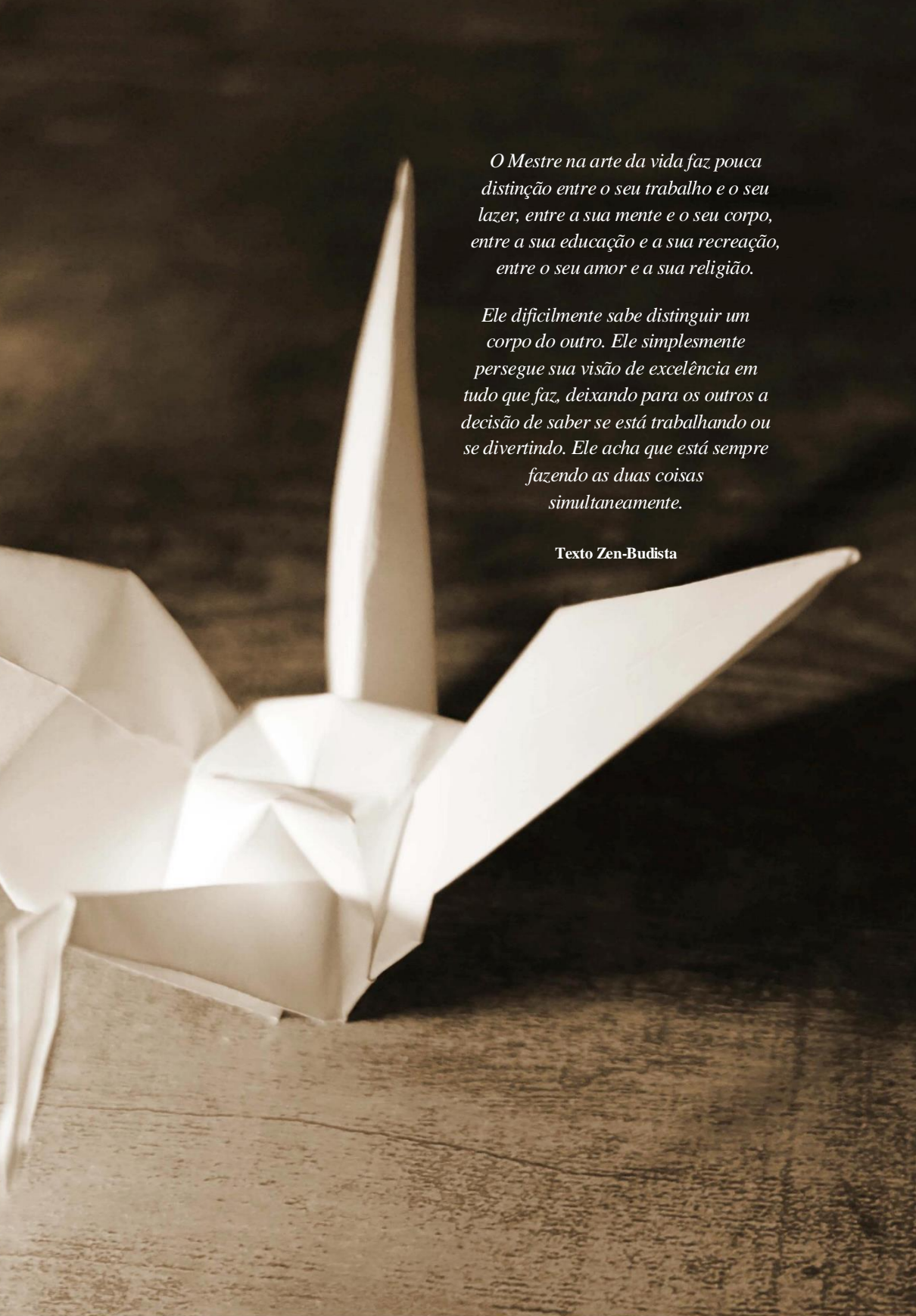
Marcelo Reis nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1966 e começou sua vida profissional aos 17 anos como jornalista e publicitário. Foi cartunista, ilustrador, diretor de arte e criação em jornais e agências de propaganda, até fundar sua própria agência de comunicação em 1995.

Aos 40 anos decidiu resgatar uma grande paixão que cultivava desde a infância - a música - e decidiu transformá-la na sua principal atividade profissional.

Impressionado com as mudanças que aconteceram em sua vida a partir do momento em que passou a trabalhar com uma atividade pela qual era profundamente apaixonado, decidiu estudar a motivação humana e a relação do indivíduo com o seu trabalho para ajudar pessoas a se realizarem profissionalmente.



Dedico este livro à minha esposa Erica, que me apoiou em todas as minhas escolhas profissionais; ao meu pai Delmo e minha mãe Sophia (*in memoriam*), que me deram o direito de nascer; aos meus irmãos Ricardo e Alexandre, que foram minhas referências; aos grandes amigos que fiz ao longo da minha vida pessoal e profissional que, consciente ou inconscientemente, me ajudaram a construir esta história.

A white paper crane is shown in profile, resting on a dark, textured wooden surface. The crane's wings are spread out, and its long neck is extended upwards. The lighting is soft, highlighting the folds of the paper and the grain of the wood.

*O Mestre na arte da vida faz pouca
distinção entre o seu trabalho e o seu
lazer, entre a sua mente e o seu corpo,
entre a sua educação e a sua recreação,
entre o seu amor e a sua religião.*

*Ele dificilmente sabe distinguir um
corpo do outro. Ele simplesmente
persegue sua visão de excelência em
tudo que faz, deixando para os outros a
decisão de saber se está trabalhando ou
se divertindo. Ele acha que está sempre
fazendo as duas coisas
simultaneamente.*

Texto Zen-Budista

Índice

<i>Prefácio</i>	9
<i>Introdução</i>	13
<i>O Buda de Ouro</i>	23
<i>Passos no escuro</i>	33
<i>Primeiros Erros</i>	41
<i>Ideologia, eu quero uma para viver</i>	47
<i>A essência oculta de todos nós</i>	57
<i>Tempo perdido</i>	71
<i>O reencontro com a paixão</i>	81
<i>Dias de agonia</i>	91
<i>Uma nova vida</i>	99
<i>Necessidades e desejos</i>	109
<i>Asas para voar</i>	119

Prefácio

Recebi com muita honra o convite do Marcelo Reis para prefaciar seu livro. Acompanho seu trabalho há bastante tempo e sei da seriedade com que ele faz tudo. Nesse caso, em particular, acompanhei de perto o estudo que ele realizou sobre motivação humana. Ao ver os resultados, fiquei impressionado.

Conheci-o como jornalista e publicitário, fizemos diversos projetos juntos e sempre percebi como ele se interessava pelas questões ligadas ao mundo do trabalho, especialmente aquelas que envolviam aspectos humanos. De repente, ele decidiu fazer uma grande mudança na sua vida profissional e eu presenciei tudo que aconteceu. Vi como ele se transformou depois que começou a fazer uma atividade pela qual era profundamente apaixonado e como as mudanças que aconteceram com ele despertaram ainda mais o seu interesse e curiosidade sobre o assunto.

Tendo como base a sua própria história e algumas vividas por pessoas que fizeram parte do estudo que realizou, Marcelo nos leva a questionar nossas escolhas profissionais e a forma como tomamos nossas decisões. O livro ajuda a ter um entendimento melhor sobre os aspectos emocionais e comportamentais que regem a vida das pessoas e a relação com o trabalho. A leitura é fácil e apaixonante. Como psicólogo e empresário da

área de Recursos Humanos posso afirmar que o conteúdo será muito útil a todos que buscam o autoconhecimento, o planejamento de carreira, a realização no trabalho e a felicidade plena.

A comunhão entre habilidade, conhecimento e comportamento é o que já se sabia ser capaz de levar um profissional ao sucesso. Marcelo colocou um quarto elemento na lista: a paixão. Quando unimos tudo isso, temos condições de, não apenas nos tornarmos bons profissionais e conseguir sucesso no trabalho, mas de nos tornarmos pessoas plenamente realizadas.

Adalberto Santos

Psicólogo e Sócio da Afamar Capital Humano

“Eu não trabalho naquilo que gosto, mas quando venho aqui e vejo vocês fazendo o que gostam, renovo minhas esperanças e minhas energias de que posso fazer o mesmo.”

Depoimento de um cliente do Rock Experience após assistir um show da banda da casa criada por Marcelo Reis



Introdução

Como você se sente quando acorda às segundas-feiras? Em muitos lugares do planeta, neste exato momento, milhares de pessoas estão acordando motivadas e cheias de energia para trabalhar. Elas amam o que fazem e nunca se sentem trabalhando, mas se divertindo. O trabalho para essas pessoas é uma inesgotável fonte de prazer. Elas têm dificuldades como todas as pessoas. Passam bons e maus momentos, afinal, nem sempre a vida é um mar de rosas, mas elas são felizes e vivem uma vida plena. E quanto a você? Ama o que faz? Não? Então, saiba que o mundo mudou e a nossa relação com o trabalho, também. Entretanto, muitas pessoas ainda permanecem fazendo as coisas do mesmo jeito, como se ainda vivessem no milênio passado. Eu era uma delas.

Nasci nos anos 60, uma época em que o trabalho significava segurança e honra. Você estudava, escolhia uma profissão que te proporcionasse um futuro promissor, procurava um bom emprego, casava, tinha filhos e trabalhava muito, sempre pensando no sustento da família e na realização daquele futuro que você planejou. Que futuro era esse? O momento em que você não precisasse mais trabalhar e pudesse curtir tudo que realizou.

Fazer sacrifícios era nobre. A educação da minha infância foi pautada por conceitos de moral retratados nas fábulas de

Esopo, um contador de histórias que viveu na Grécia Antiga. Suas fábulas eram utilizadas para dar lições de vida e nos ensinar como deveríamos nos comportar. Uma das mais conhecidas é "A Cigarra e a Formiga":

*Tendo a cigarra cantado durante o verão,
apavorou-se com o frio do inverno.*

*Sem mosca ou verme para se alimentar,
com fome, foi ver a formiga, sua vizinha,
pedindo-lhe alguns grãos para aguentar
até a chegada da próxima estação.*

*– Eu lhe pagarei antes do verão, palavra de animal,
os juros e também o capital – disse ela.*

*A formiga não gosta de emprestar
e esse é um de seus defeitos.*

*– O que você fazia no calor de outrora – perguntou-lhe a
Formiga com certa esperteza.*

– Noite e dia, eu cantava no meu posto.

– Você cantava? Que beleza!

Pois então, dance agora!

Cresci acreditando que deveria ser como a Formiga, prudente e racional, mas a minha essência era da Cigarra. Trabalhei durante 20 anos pensando exclusivamente em construir um futuro e a minha segurança. Deixei de viver o presente. Visava apenas o objetivo financeiro e o almejado sucesso. Exercia uma atividade que não me estimulava muito, mas achava que estava no caminho que me levaria à felicidade. Esforcei-me e remei contra a maré (*a minha própria essência*). Obriguei-me a fazer coisas que não gostava, a estar em ambientes onde não me

sentia bem, rodeado de pessoas com as quais não tinha nada em comum, e quase morri. Sim, quase morri.

Quando fiz 40 anos, descobri que o sucesso não era aquilo que eu estava buscando. Descobri que estava no caminho errado e que nunca seria feliz dessa forma. Então, decidi resgatar uma velha paixão, a minha verdadeira vocação desde a infância, e a transformei em minha principal atividade profissional. As mudanças que aconteceram comigo foram gigantescas. Eu passei a exalar felicidade, rejuvenesci, adquiri um enorme entusiasmo e autoconfiança.

Fiquei tão impressionado com a minha transformação e com o que fui capaz de realizar que decidi estudar o assunto a fundo e entender melhor como nos comportamos diante dos desafios e das incertezas da vida e, principalmente, como fazemos nossas escolhas. Fundei uma entidade sem fins lucrativos chamada *Instituto Imprendere* e saí em campo. Fiz uma pesquisa durante cinco anos com 500 profissionais, entrevistei dezenas de outros e conheci histórias fantásticas, tanto de sucesso quanto de fracasso. Meu objetivo era entender melhor a relação do indivíduo com o seu trabalho.

Trabalhar e produzir é uma obrigação na vida em todas as sociedades do mundo. O trabalho é um dever. Mas será que esse dever não pode ser carregado de prazer também? Ninguém consegue viver uma vida plena e ser feliz quando não enxerga prazer no que faz profissionalmente.

O trabalho é um fator que determina nosso *status* social e o nosso posicionamento perante a sociedade. As pessoas consideradas de sucesso possuem lugar de destaque, são

dominantes, exercem influência e, às vezes, invejadas. Muitas desejam estar nessa posição, mas a maioria não consegue. A peneira é fina.

A posição de líder de um grupo dificilmente é compartilhada. Os líderes não gostam de dividir seus domínios e territórios. Essa é a natureza humana e o nosso instinto primitivo. Em um grupo, na maioria das vezes, só existirá lugar para um líder. Muita gente desejará esse posto, mas só um ocupará a vaga. Para chegar ao topo da pirâmide social e hierárquica é necessário ter uma série de atitudes, desenvolver diversas habilidades, assumir responsabilidades e demonstrar muita competência. Então, o que acontece com as pessoas que não conseguem chegar lá? Ficarão aguardando uma oportunidade para atingir esse objetivo sem saber se conseguirão algum dia? Ficarão frustradas boa parte da vida?

A partir da minha experiência e da pesquisa que realizei, aprendi que sucesso, definitivamente, não significa chegar ao topo da pirâmide, seja essa qual for. Sucesso não significa alcançar um objetivo, vencer uma competição, ser o melhor, ganhar dinheiro e acumular riquezas. Sucesso significa ser feliz e você pode conseguir isso trabalhando naquilo que você deseja muito e que te dá uma enorme sensação de bem-estar. O caminho para o sucesso, portanto, é trabalhar na pirâmide que te dá prazer. O mundo está cheio de gente assim. Não importa se você está na base ou no topo. Se você se sente feliz com seu trabalho e consegue realizar seus sonhos, você já é uma pessoa de sucesso. Não existe sucesso maior do que alcançar a felicidade.

A construção de uma pirâmide demanda diversos talentos. Cada indivíduo dá sua contribuição para o resultado final. Exis-

tem aqueles que têm vocação e sentem prazer em coordenar os trabalhos – *os líderes* – e os que amam exercer funções específicas – *os especialistas*. Portanto, nem sempre sentiremos prazer e seremos felizes no topo da pirâmide, na posição mais alta da escala hierárquica dentro de uma organização. Nem sempre seremos felizes sendo vencedores em uma competição qualquer. Existem pessoas que são felizes ajudando outras a vencer. O sucesso, portanto, é um estado de espírito único e individual. Eu descobri isso quando comecei a trabalhar na pirâmide que me apaixonava de verdade.

Antes da minha mudança, eu pensava unicamente nas recompensas financeiras que o trabalho me proporcionaria, lutava contra minha verdadeira essência e tentava realizar atividades que não me apaixonavam. Eu acreditava que era assim que deveria ser. Eu nunca havia encarado o trabalho como o próprio objetivo, ou seja, aquilo que te realiza e que te faz feliz. Encarava o trabalho como a maioria das pessoas: um meio para se atingir objetivos. Eu acordava na segunda-feira pensando na sexta-feira, começava o mês pensando no próximo feriado e terminava o ano aguardando as próximas férias. O destino final, seria a aposentadoria, o momento em que, de fato, eu poderia largar esse fardo pesado, curtir o que havia conquistado e ter todo o tempo do mundo para ser feliz. Pena que demoraria tanto.

Sempre fui empreendedor, criativo e ousado. Montei meu primeiro negócio em uma área em que vislumbrava maiores perspectivas. Não fiz as escolhas ouvindo meu coração. Trabalhava demais, mas não me dedicava o suficiente. Parece um paradoxo, mas é exatamente o que acontecia. Trabalhava de forma mecânica, sem me envolver de corpo e alma com o que fazia. Por isso, não me diferenciava. Remei contra a maré até

chegar ao meu limite: o esgotamento físico e mental. Conquistei pouco diante de tanto esforço.

Sim, muitas pessoas vivem a mesma situação que eu vivia: escolhem carreiras para as quais não têm habilidade, trabalham em lugares que não as motivam e exercem funções que não gostam. Na verdade, muitas pessoas não conhecem a sua verdadeira essência e fazem suas escolhas observando apenas o lado financeiro e a segurança. Esperam por recompensas que, às vezes, podem não chegar.

Então, de repente, por uma série de fatores do destino, eu me redescobri, me reinventei e deixei de lado aquela pessoa que tentava ser o que não era para me tornar, finalmente, eu mesmo. Virei uma pessoa mais leve, mais divertida, mais extrovertida, mais dinâmica, mais cativante, mais motivadora, e tudo ficou mais fácil. Percebi que minha transformação inspirava outras pessoas e decidi escrever este livro. “*Até que enfim é segunda-feira*” conta a minha história e a história de algumas pessoas que conheci e pesquisei. Meu objetivo é fazer você refletir sobre seu trabalho, suas escolhas, seus sonhos, sua concepção de sucesso e, finalmente, sobre felicidade.

Escrever era algo que não passava pela minha cabeça. Nunca me achei preparado para fazer isso. Sou um cara igual a tantos outros, cheio de sonhos, desejos e com um único objetivo principal: ser feliz. Mas, decidi por mãos à obra e contar o que aconteceu comigo. Quero fazer você pensar que, nem sempre, o caminho aparentemente certo e mais seguro é o que te levará aonde você quer chegar. Existem caminhos que nós tomamos ouvindo simplesmente a voz da razão. Mas, nunca devemos deixar de ouvir o nosso coração. Em minha opinião, é o sentimento que você deve ouvir em primeiro lugar e usar a razão como uma

aliada para te ajudar a realizar aquele sonho que fará sua alma sorrir e seu trabalho ter outro significado, muito maior do que a simples busca pela remuneração financeira.

As escolhas profissionais nem sempre são fáceis. Às vezes, não conseguimos identificar o que somos de verdade. Estamos submetidos a tanta pressão que esquecemos o nosso verdadeiro Eu. Muitas vezes, nem chegamos a conhecê-lo. Somos levados a viver uma vida tão superficial, ditada por modismos, pela opinião dos outros e pela sociedade de consumo, que deixamos de dar valor ao que realmente é importante para o ser humano. Somos motivados a desejar o carro do ano, a roupa da moda, o apartamento luxuoso na beira da praia, e esquecemos de patrimônios muito mais valiosos, como as amizades, a família e a ética.

Muita gente insiste em buscar a felicidade nos *shoppings* e concessionárias de automóveis. Essas pessoas esquecem que, em pouco tempo, o carro comprado já não terá mais cheiro de novo, a roupa da moda já estará ultrapassada e a felicidade será efêmera, mesmo dentro de um apartamento luxuoso de frente para a praia. Definitivamente, a felicidade não se compra em uma loja ou em uma corretora de imóveis. A felicidade é um estado de espírito que atingimos quando estamos de bem com nós mesmos, quando fazemos aquilo que gostamos e que nos dá prazer de verdade, quando sentimos que estamos contribuindo para a felicidade de outras pessoas e para melhorar o mundo. A felicidade é um estado de espírito que transcende o material.

Em minha pesquisa, conheci diversos empresários e profissionais bem-sucedidos que não eram felizes. Possuíam bens, *status* social, mas continuavam em busca de algo que eles mesmos não sabiam o que era. Faltava alguma coisa em suas vidas,

talvez, uma paixão verdadeira. Por outro lado, conheci gente comum, trabalhadores do dia a dia, que você encontra em cada esquina, dentro do ônibus ou em uma mesa de bar, pessoas que emanavam uma aura de felicidade. Essas pessoas têm uma luz diferente, elas atraem as outras, são exemplos de conduta e possuem uma energia que os outros admiram. Quando você percebe isso, começa a questionar o que é o sucesso e qual o papel que o trabalho tem nessa busca.

Antes da minha transformação profissional, eu achava que estava construindo minha pirâmide. Cresci profissionalmente, assumi cargos de direção em empresas e acabei abrindo meu próprio negócio. Supostamente, eu havia chegado ao topo. Eu considerava que havia alcançado o sucesso. Passei dez anos gerindo minha empresa e, a partir de um determinado momento, já não sentia nenhum entusiasmo. Eu havia chegado ao meu limite, não crescia mais e não sentia prazer no que fazia. Provavelmente, eu permaneceria nesse patamar o resto da minha vida. Acordava toda segunda-feira sem estímulo e buscava fórmulas para me automotivar, até ser internado em um hospital correndo risco de vida e descobrir que eu estava na pirâmide errada. Mudei, recomecei do zero e me realizei plenamente. Tornei-me uma pessoa feliz e decidi compartilhar minha história para inspirar outras pessoas.

Assim nasceu "*Até que enfim é segunda-feira*". O título não poderia ser mais sugestivo e intrigante: como é possível desejar mais intensamente trabalhar do que ter momentos de folga e lazer? A resposta é quando o trabalho se torna o seu próprio lazer. Foi isso que aconteceu comigo e, por isso, eu me destaquei na nova atividade que passei a realizar, atingindo, em cinco anos, objetivos que não consegui em 20. Você conhecerá essa

história em detalhes nas páginas seguintes. Saberá por que abri mão de ser quem eu era, por que vivi uma vida que não era a minha e, finalmente, como me redescobri. Vai saber os desafios que enfrentei e como consegui superá-los para realizar meu sonho e viver daquilo que me apaixonou. Vai conhecer também histórias de outras pessoas que te levarão a refletir sobre a forma como encaramos nosso trabalho e verá que é possível conseguir a aparente utopia de sentir prazer trabalhando. Eu afirmo que não existe outro caminho para a felicidade plena e verdadeira.

Ter um currículo acadêmico extenso, com graduação, pós-graduação, MBAs e outras certificações, não é a única forma das pessoas se diferenciarem. A geração do novo milênio busca o conhecimento onde quer que ele esteja, e ele está disponível para quem tem vontade e quer aprender. Eu, por exemplo, não possuo mestrado, não sou PhD em nada, nem sequer tenho curso superior completo. Como disse, sou uma pessoa comum, como a maioria. O que me tornou diferenciado foi começar a trabalhar no que me apaixonou de verdade, por isso, eu tive motivação para buscar o conhecimento sozinho e me desenvolver até atingir o nível de excelência em minha atividade.

Todos nós temos paixões e elas podem te levar muito longe, muito além do que você imagina. Portanto, se eu consegui, você também pode. A única coisa que você precisa é descobrir realmente quem você é, o que te motiva e se preparar para sair em busca do seu sonho. Quando você enxergar isso, terá dado o passo mais importante para ser uma pessoa verdadeiramente de sucesso. Então, boa leitura e que a minha história e a história dos meus amigos te inspire.

Todos nós temos uma essência.

Ela deve ser apurada ao longo do tempo, nunca esquecida.

Nossa felicidade está nela.



Capítulo 1

O Buda de Ouro

Em 1955, na cidade de Bangkok, capital da Tailândia, uma imensa estátua de Buda toda feita de barro estava sendo transportada para um novo templo. Seu peso era gigantesco, mais de cinco toneladas. Durante o transporte, aconteceu uma fatalidade, um acidente que mudaria sua história e levaria essa estátua a ser uma das atrações mais visitadas daquele país. Um dos cabos de sustentação não resistiu e a estátua despencou no chão. A queda provocou uma rachadura e os trabalhadores fugiram por acreditar que aquilo se tratava de mau presságio. À noite, uma chuva torrencial inundou a cidade e um monge cobriu a estátua com uma lona para evitar danos maiores. Horas depois, com uma lanterna, ele foi verificar o estado da estátua e percebeu que, da rachadura, emanava um brilho dourado. Curioso para saber o que havia por baixo daquela cobertura, o monge descascou-a com martelo e cinzel. Ao final, a grande surpresa: o Buda era de ouro maciço.

Essa é a história fantástica do Buda do templo *Wat Traimitr*, a maior estátua de ouro maciço do mundo. Sua verdadeira essência ficou oculta por séculos. Dizem os historiadores que os monges cobriram a estátua de barro séculos atrás para evitar que fosse roubada por invasores. De fato, ninguém apreciava aquele ídolo, cujo verdadeiro valor permaneceu desconhecido por centenas de anos, até ser revelado por uma fatalidade.

Escolhi essa história para começar porque simboliza com perfeição o que aconteceu comigo. Eu a conheci em um livro que ganhei nos bastidores de um programa de televisão. O livro se chamava "A Ciência do Bem Viver" e a história do Buda era contada em sua introdução. É uma mensagem para mostrar que todos nós temos uma essência de ouro, muitas vezes, por diversas razões, coberta ao longo do tempo. O programa era o "Encontros", da apresentadora Fátima Bernardes, e falava sobre a crise dos 40. Eu estava ali para contar que, nessa idade, eu havia redescoberto o meu Buda de Ouro.

Lembranças da infância

Em meados de 1965, minha mãe foi surpreendida com a notícia de que estava grávida. Ela já tinha quase 40 anos e teria seu quarto filho. O primeiro havia falecido com apenas dois anos de idade. Foi um trauma que ela carregou por toda vida. Alguns anos depois da morte da criança, ela engravidou novamente e deu à luz meu irmão mais velho, Ricardo. Um ano depois, veio o Alexandre. Passaram-se nove anos e, de repente, quando ela acreditava que já havia fechado a fábrica, aconteceu o improvável: ela estava grávida outra vez.

A primeira decisão que meus pais tomaram de comum acordo foi interromper a gravidez. Eles já tinham dois filhos e não queriam mais um. Então, agendaram os procedimentos em uma clínica e foram para lá no dia marcado. Havia uma grande fila de mulheres aguardando para serem atendidas e esse tempo de espera foi a minha sorte. Meu pai sentiu-se angustiado, olhou para minha mãe e disse: "*Vamos embora. Vamos ter essa crian-*

ça”. E assim, eu pude nascer em 30 de janeiro de 1966, numa casa de saúde no bairro de São Cristóvão, no Rio de Janeiro.

Meu pai era arquiteto e minha mãe, funcionária pública. Ele era um homem conservador e rigoroso. Ela era apaixonada por música, fez aulas de canto na década de 40 e chegou a gravar um disco em 78 rotações. Nunca ouvi esse registro porque, quando nasci, não existiam mais equipamentos para reproduzir esse tipo de gravação. O disco acabou se perdendo. Mas, pude ouvir minha mãe cantar várias vezes em casa, acompanhando seus discos preferidos: as óperas italianas. Ela era soprano e tinha uma voz aguda e poderosa.

Minha mãe cultivava o desejo de que seus filhos aprendessem música também e não mediu esforços para isso. Ela procurava realizar todas as nossas vontades nessa área. Aos 10 anos de idade, ao passar na frente de uma loja de instrumentos musicais, meu irmão mais velho quis uma bateria que estava exposta na vitrine. Sem hesitar, minha mãe a comprou. Entretanto, ao chegar em casa, ela percebeu que havia cometido um grande erro e, poucas horas depois, devolveu o instrumento à loja por não aguentar o barulho ensurdecador que produzia. Para felicidade dela, meu irmão acabou pegando gosto por instrumentos harmônicos e mais sociáveis do ponto de vista familiar: ele se interessou por piano e violão, ela comprou esses instrumentos e matriculou-o em aulas de música.

Meu irmão tinha talento e aprendeu rápido. Quando ele tocava piano todos nós ficávamos em volta ouvindo. Eu, particularmente, ficava fascinado. Nessa época, eu tinha quatro para cinco anos e, um belo dia, quando não havia ninguém em casa exceto a cozinheira, abri a tampa do piano, tirei o feltro verde

que cobria as teclas e comecei a martelá-las. Não lembro se, efetivamente, toquei alguma coisa ou se apenas produzi sons sem nenhuma harmonia. Quando minha mãe chegou, a cozinheira foi contar entusiasmada o que havia presenciado e escutado, disse que eu havia tocado piano, e minha mãe ficou surpresa.

Eu aprendi observando meu irmão. Passávamos horas juntos tocando músicas dos *Beatles* e de outras bandas de sucesso da época. A música teve um papel muito importante nos anos 60, foi um veículo para grandes transformações culturais e sociais. Por meio da música, os jovens questionavam o *status quo* vigente. A palavra de ordem era *liberdade* e essa ideia me fascinava. Lembro de ver notícias e registros sobre os grandes festivais de rock que aconteceram naquele período. Eu era muito pequeno, mas aquilo já exercia um poder sobre mim. Eram eventos cheios de magia. Meu irmão mais velho era meu ídolo e eu queria ser como ele. Com dez anos de diferença para mim, ele foi meu mestre na música, me mostrava todas essas coisas e foi meu segundo pai.

Então, no meu primeiro ano de escola, no chamado jardim da infância, tive uma experiência que ficou marcada na minha memória. Haveria uma peça de teatro e cada criança deveria escolher um personagem. Influenciado por aquele mundo que me fascinava, escolhi um músico *hippie*. Minha mãe me produziu no estilo dos roqueiros da época, com uma vasta peruca *black power*, bigode postiço, colar, calça boca de sino e uma guitarra de brinquedo. Na hora da minha participação, lá fui eu para cima do palco representar que estava tocando e cantando uma música pela paz no mundo. Esse personagem se tornou meu *alter ego*. Em casa, por diversas vezes, vesti aquela roupa novamente, peguei a guitarra e dizia que era aquele músico que representei

na peça. Na verdade, aquele personagem era quem eu realmente gostaria de ser.

Descobrimo os talentos

A música se tornou minha paixão, mas não era meu único talento: eu também sabia desenhar. Adorava fazer histórias em quadrinhos e tinha facilidade para retratar o rosto das pessoas. Bastava desenhar a cara do professor durante a aula para provocar boas gargalhadas na turma. Dessa forma, o desenho assumiu um papel importante na minha vida social, era uma maneira de me destacar no grupo e, por isso, passei a acreditar que seria por meio dele que eu alcançaria o sucesso. Entretanto, eu não tinha muita paciência para esse ofício. Sempre fui muito ansioso e essa característica da minha personalidade fazia com que eu me entediasse rapidamente enquanto desenhava. Levar horas, às vezes dias, trabalhando em um desenho até terminá-lo, era desestimulante. Muitas vezes, eu começava uma obra e não terminava. Por isso, comecei a desenhar cartuns que, por sua agilidade, se adequavam melhor à minha personalidade imediatista. Passei a criar personagens que protagonizavam minhas histórias em quadrinhos.

Eu tinha habilidade para o desenho, mas não as características comportamentais necessárias para me levar ao nível de excelência nessa atividade. A falta de atenção, paciência e concentração me impediriam de desenvolver minha técnica. Só depois de muitos anos, eu perceberia que esse detalhe me impediria de crescer e ter sucesso profissional nessa carreira.

Com a música era diferente, eu gostava de tocar o tempo todo e, quando começava, entrava em transe. Simplesmente me desligava do mundo real. Minha mãe falava comigo e eu a ignorava, não assimilava uma única palavra do que ela havia dito, até que me sacudisse e me fizesse voltar à terra firme.

Diferente do desenho, a música não me entediava, ela me dava um prazer enorme, mesmo na fase do aprendizado. O esforço para desenvolver a habilidade era prazeroso. Eu era capaz de ficar horas tocando uma mesma canção até poder executá-la com extrema perfeição.

Os anos foram se passando e fui me dividindo entre esses dois talentos, um me dava enorme prazer, o outro me dava enorme prestígio social. Na escola, o desenho me diferenciava e a música não produzia o mesmo efeito. Eu tocava apenas em casa e meus amigos não se interessavam por essa habilidade.

Em 1979, meu pai faleceu. Ele passou mal num domingo, após o almoço, e me lembro de vê-lo da janela, entrando na ambulância para nunca mais voltar. Eu tinha 13 anos e fiquei muito abalado. No período em que ele ficou internado, até pouco tempo após sua morte, fiquei morando na casa da minha tia, longe dos meus amigos e dos meus brinquedos. Sem ter o que fazer, dediquei-me integralmente aos estudos. Eu era um aluno mediano e conseguia notas razoáveis sem precisar estudar muito. A dedicação, durante esse tempo, me levou a ser o primeiro aluno da turma. Todos vieram me parabenizar pelo meu resultado. Eu havia conquistado um grande feito e gostei disso. A partir daí, eu criei a ideia de que poderia conquistar qualquer coisa que quisesse, desde que tivesse um objetivo, me dedicasse e me esforçasse. Isso ficou cristalizado em minha mente e seria determinante para minhas tomadas de decisões futuras.

O amor pelo rock

Cresci e minha paixão pela música aumentou. O gosto musical da minha família era bem eclético. Minha mãe adorava as óperas, valsas e música clássica, meu pai gostava da música popular, meus irmãos, da música jovem da época: o rock'n roll. Eu gostava de tudo, mas o rock me transmitia uma energia e emoção superior. Ao ouvir o som de uma guitarra distorcida, meu coração batia mais forte. Nunca vou esquecer a primeira vez que ouvi os acordes de “*Layla*”, a famosa música de Eric Clapton. O som daquela guitarra simplesmente me hipnotizou.

Aos 14 anos, toquei em uma de verdade pela primeira vez e fiquei fascinado. O instrumento era de um amigo e desejei ter igual. Mas, com o falecimento do meu pai, o padrão de vida da minha família havia caído bastante e minha mãe não tinha condições de comprar uma guitarra para mim. Então, consegui convencer uma das minhas tias, que não tinha filhos e sempre gostou de ser a segunda mãe dos sobrinhos, a me dar uma de presente. Ela me levou até a loja de instrumentos musicais e eu vi a que queria na vitrine, parecida com a do meu amigo. Foi paixão à primeira vista e eu disse: “*É essa!*”.

Meus irmãos tinham uma vasta coleção de discos de rock e eu herdei esse patrimônio. Eram grandes clássicos das maiores bandas dos anos 60 e 70. Considero essas épocas as melhores musicalmente. Colocava os discos na velha *vitrola* e passava horas com o *headphone* no ouvido, acompanhando as músicas com minha guitarra nova. O curioso é que eu ficava em pé o tempo todo e não tocava sentado, como seria normal. Ficava em frente ao equipamento de som, de olhos fechados, imaginando que eu estava em um palco, diante de um grande público.

Os discos dessa época eram produzidos em vinil e guardados dentro de belas capas. Eram verdadeiras obras de arte. Ouvi-los era um ritual. Você pegava o disco, apreciava a capa, tirava-o com cuidado do plástico que o protegia, colocava-o no *toca-discos* e curti o som. Então, enquanto ouvia, você podia continuar apreciando a capa, observar todos os detalhes das fotos e ler a letra das músicas. Tenho saudade de como se ouvia discos naquele tempo, era um ritual extremamente prazeroso. Hoje, a praticidade da música digital tirou um pouco da magia da música gravada analogicamente nos velhos discos de vinil.

O tempo passou e eu me tornei um adolescente. Quando fiz 15 anos, uma mudança começou a acontecer. Nessa fase, a música ganha mais importância e não foi diferente com os meus amigos. Todos passaram a valorizar essa arte. As canções dos artistas famosos animam as festas e embalam os primeiros namoros. As meninas começam a colecionar fotos de seus cantores preferidos, estampam as paredes de seus quartos e preenchem seus primeiros sonhos eróticos com eles. Os meninos desejam ser como esses caras e conquistá-las. Então, nessa época, o violão começou a ser meu companheiro inseparável. Descia para o *playground* do prédio onde morava levando-o debaixo do braço. Meu talento musical, ignorado pelos meus amigos quando criança, passou a me diferenciar e me proporcionar prestígio. Todos se reuniam à minha volta para me ouvir tocar.

Passei a estudar mais e comprar revistas que ensinavam o método de cifras e, dessa forma, aprendi a tocar e cantar muitas músicas da MPB. O desenho havia desaparecido da minha vida. Não criei mais nenhum personagem e não fiz mais nenhuma história em quadrinhos. Eu apenas desenhava caricaturas dos

professores quando meus colegas de turma pediam. Então, no final de 1981, havia chegado para mim o momento em que todo jovem precisa tomar uma decisão importante. Eu estava terminando o segundo ano do segundo grau e precisava decidir o que fazer no futuro. Senti um enorme peso e responsabilidade. Eu não estava preparado para isso.

Sem que eu me desse conta, a música havia substituído totalmente o desenho como minha atividade de lazer. Na verdade, desenhar nunca havia me dado prazer. Eu desenhava apenas para dar vazão à minha enorme imaginação. Durante o período em que fiquei sem desenhar, não senti nenhuma falta. Minha verdadeira essência estava ligada à música, sem dúvida, mas eu não tinha consciência disso. Continuei achando que o talento para o desenho é que me levaria ao sucesso. Meu Buda de Ouro estava ameaçado e, poucos anos depois, seria totalmente coberto de barro.

Muitas vezes escolhemos uma estrada pensando apenas em chegar mais rápido ao destino que desejamos.

Não damos importância para as sensações que sentiremos durante a jornada, se apreciaremos a paisagem e se gostaremos das pessoas que nos farão companhia.

Existem estradas onde você só vai querer chegar, outras onde você se sentirá feliz durante toda viagem.

A escolha sempre será sua.



Capítulo 2

Passos no escuro

Em 1982, concluí o segundo grau e iria prestar o vestibular. Eu tinha somente 16 anos. Não tinha a menor ideia sobre qual carreira escolher. Meus irmãos escolheram engenharia por influência do meu pai. Pouco conversei com eles sobre isso. Quando me vi na encruzilhada de escolher uma profissão, eu já não tinha mais meu pai para me influenciar. Estava livre para escolher o que queria e fiquei completamente perdido. Eu adorava a vida ao ar livre, o mar, a praia e tinha talento para desenhar. Então, escolhi uma profissão que achei que se enquadraria perfeitamente comigo: engenharia naval.

A instituição de referência que formava engenheiros navais no Brasil era a Escola Naval. Para fazer o curso, teria que me tornar um militar, mas eu não tinha nenhuma vocação para isso. Mudei de escola no terceiro ano do segundo grau. Troquei o colégio São Fernando, que era uma tradicional escola católica no Rio de Janeiro onde estudei minha vida inteira, por uma instituição que, supostamente, preparava os jovens para essa prova. Inscrevi-me na prova para a Escola Naval e, felizmente, não passei. Foi a minha sorte. Se tivesse passado, eu seria a pessoa mais infeliz do mundo. A carreira militar é absolutamente incompatível com minha personalidade livre. Naquela época, eu não tinha essa consciência.

Considero uma insanidade alguém ter a responsabilidade de escolher o que fazer da sua vida profissional quando muito jovem. Discuto muito isso hoje com pais e educadores. É um erro um adolescente ter que tomar decisões e fazer escolhas quando ainda não está preparado para isso. Raramente as decisões são corretas. As influências são inúmeras e as pressões também. Ele pouco sabe sobre o mundo do trabalho e pouco sabe sobre si mesmo. Essa é uma das razões da elevada evasão que existe nos cursos superiores. Muitos jovens escolhem uma carreira e, no meio do caminho, percebem que não era nada daquilo que desejavam. Existem exceções e eu admiro essas pessoas.

Minha esposa, desde criança, sabia o que queria. Ela sonhava ser jornalista. Sua inspiração foi Marcia Mendes, uma famosa apresentadora da TV Globo nos anos 70 e 80. Ela ficava fascinada por essa mulher. Queria ser como ela e parava tudo que estivesse fazendo para assistir ao telejornal que Marcia Mendes apresentava. Da mesma forma, meu primo, aos dez anos, decidiu o que queria fazer da sua vida profissional. Nós voltávamos de uma viagem aos Estados Unidos e ele pediu para a aeromoça leva-lo à cabine do avião. Ele voltou de lá decidido: queria ser piloto comercial quando crescesse.

Tanto minha esposa quanto meu primo realizaram seus objetivos e exercem a profissão que sonharam desde criança. Esses são exemplos do enorme peso que as influências da infância têm na nossa vida. Nessa época, nossa essência está totalmente à mostra, não temos medo do futuro e nem dúvidas sobre o que é certo ou errado. Seguimos apenas nossos desejos e vontades. Fazemos o que queremos e o que gostamos, sem nos preocuparmos com as consequências. Ao longo do tempo,

nossos medos vão se tornando cada vez mais complexos e tudo aquilo que somos de verdade pode ser ocultado em prol do que achamos que devemos nos tornar. Esse é o maior erro que um ser humano pode cometer. Esse foi o erro que eu cometi.

A difícil escolha

Uma vez que eu não havia passado na prova da Escola Naval, teria que escolher outra carreira. Perder um ano sem estudar era considerado um fracasso e eu não queria ser um fracassado. Decidi fazer desenho industrial e, mais uma vez, era uma escolha errada. Em momento algum eu procurei descobrir o que realmente um desenhista industrial fazia. Achei que, por ter desenho no nome, seria uma profissão onde eu aproveitaria meu talento e poderia ser bem sucedido.

Na época em que prestei vestibular, o candidato fazia uma única prova, organizada pela Fundação Cesgranrio. Você escolhia o curso e listava as instituições de sua preferência. Normalmente, todos colocavam as universidades federais como primeira opção, por serem referências e gratuitas. Em seguida, vinham as estaduais e instituições particulares conceituadas. Algumas carreiras ofereciam uma relação candidato/vaga extremamente desvantajosa. Profissões comuns, como engenharia, direito e medicina, chegavam a apresentar mais de 10 candidatos para cada vaga. A disputa era muito intensa e o risco de você não passar para uma boa universidade era grande.

A relação candidato/vaga para desenho industrial era de apenas dois candidatos para cada vaga e, dificilmente, eu não

passaria. No final do ano, prestei o vestibular e passei para a Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.

Sonhos da juventude

Em 1983, aos 17 anos, pisei pela primeira vez na universidade, no famoso campus da UFRJ, na *Ilha do Fundão*. O curso de desenho industrial era ministrado no prédio da Escola de Belas Artes e fiquei fascinado com aquele mundo. Era um prédio amplo, com um saguão enorme, todo de vidro, por onde circulavam pessoas interessantes, artistas e intelectuais. Eu gostava daquele ambiente. Estava rodeado de gente parecida comigo, com o mesmo talento que eu tinha para as artes. Nessa época, consolidei definitivamente a separação que faria em minha mente nos anos seguintes: o desenho seria meu trabalho e a música, minha diversão. Mas, um fato que eu não esperava iria confundir a minha cabeça. Diferente do que aconteceu na escola quando criança, na faculdade, seria o meu talento musical que me destacaria naquela multidão.

O primeiro ano do curso foi maravilhoso. As disciplinas de desenho industrial eram em conjunto com outras carreiras, como comunicação visual e pintura. Eu adorei! A turma organizava festas, saraus, viagens, e lá ia eu com meu violão na bagagem. Eu sabia tocar muitas músicas e logo me tornava o centro das atenções. Nessa época, eu comecei a perceber que era bom nisso, porque, mesmo na presença de outras pessoas que sabiam tocar, eu me destacava. O mesmo não acontecia com o desenho. Nessa atividade, eu não fazia parte do grupo dos melhores. Havia muita gente com trabalhos superiores aos meus. Então, meu envolvimento com a música aumentou bastante.

Nos anos 80, o rock estava no auge e todos os jovens sonhavam em montar uma banda e virarem *popstars*. Essa época ficou conhecida como a era de ouro da indústria da música. Surgiam novas bandas todos os dias. A cidade fervilhava, cheia de casas noturnas e bares com música ao vivo. Era o *boom* do movimento que ficou conhecido como *Rock Brasil*. Lembro-me de assistir os primeiros shows na lona do *Circo Voador* e frequentar as danceterias como a *Mistura Fina*, *Mamute* e *Metrópolis*. Presenciei o nascimento de bandas como *Paralamas do Sucesso*, *Legião Urbana*, *Capital Inicial*, entre outras que fizeram suas primeiras apresentações nesses pequenos palcos antes de alcançarem a fama.

O líder dos *Paralamas*, Herbert Vianna, estudava arquitetura no mesmo prédio da Escola de Belas Artes e, algumas vezes, conversamos sobre música no saguão. Acompanhei sua ascensão até ele se tornar um dos maiores ícones do rock nacional. Esse passou a ser o meu sonho: eu queria seguir o mesmo caminho do Herbert e me tornar uma estrela do rock. Queria voltar a ser aquele personagem que representei na escola aos cinco anos de idade. Então, montei minha primeira banda. O nome era *Alta Tensão* e eu tinha a expectativa de que alguma coisa acontecesse para mudar o rumo da minha vida.

A maior parte das bandas que fizeram sucesso na época tinham histórias semelhantes, nasciam nos corredores das faculdades, percorriam o circuito de bares e casas de shows da cidade, batalhavam para ter suas músicas tocando nas rádios, até serem contratadas por uma gravadora. Só então, o jovem decidia largar os estudos. Raramente alguém tomava a decisão de viver da música inicialmente.

Nos anos 80, o cenário era propício para o surgimento de novas bandas. Havia uma dezena de espaços para tocar, festivais, rádios, programas de TV e muitas gravadoras de olho nos novos talentos. A rádio Fluminense FM abria espaço para tocar fitas “demo” das bandas novas. Foi nessa rádio que os *Paralamas* levaram sua primeira gravação da música “*Vital*”, que virou sucesso pouco tempo depois.

Eu esperava que alguma coisa parecida acontecesse comigo. Então, eu e meus colegas de banda saímos em busca de lugares para tocar. Conseguimos agendar uma primeira apresentação em um bar que marcou época no Rio de Janeiro chamado *Let it Be*. Enchemos a casa de amigos e familiares e ganhamos um bom dinheiro de *couvert* artístico, mas nada que justificasse parar os estudos. Continuei na busca do meu sonho. Ensaivamos diariamente e eu não me cansava. Ansiava pela hora de ir para o ensaio e fazer aquilo que eu mais gostava. Tocar me proporcionava um prazer indescritível!

Entretanto, o desejo de ter minha independência financeira começou a influenciar minhas decisões. Eu queria ter uma renda para comprar o que desejava, uma guitarra melhor, por exemplo, poder sair com minha namorada e viajar. Passei a exercer pressão sobre mim mesmo para arrumar trabalho e ter a suposta sensação de que estava crescendo profissionalmente na carreira que havia escolhido. Eu estava prestes a entrar na estrada errada, onde permaneceria por quase 20 anos.

OS PARALAMAS DO SUCESSO



VITAL E SUA MOTOCICL



O COR DO SOM



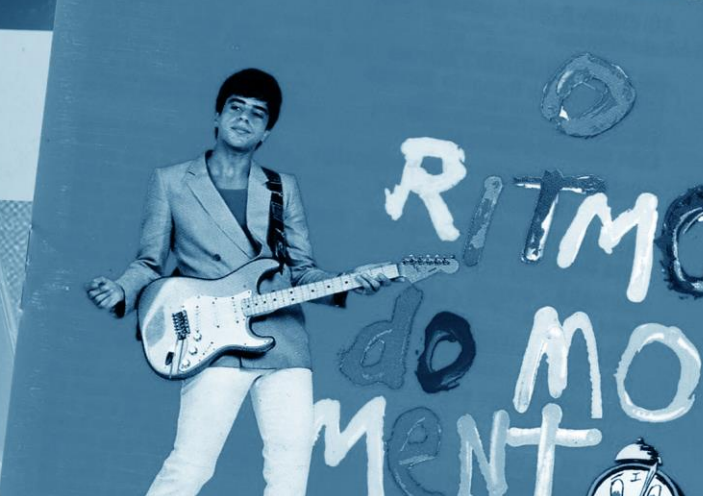
LEGIÃO URBANA

ÃO VERMELHO



LULU SANTOS

Herva DOCE



RITMO DO MOMENTO

*Se um dia eu pudesse ver
Meu passado inteiro
E fizesse parar de chover
Nos primeiro erros
Meu corpo viraria sol
Minha mente viraria...*

Kiko Zambianchi



Capítulo 3

Primeiros erros

Aos 17 anos, eu era um jovem cheio de sonhos, ambicioso e com muita pressa para conseguir meus objetivos. No final do primeiro ano da faculdade, surgiu minha primeira oportunidade de trabalho como desenhista e eu questionaria meu envolvimento com a música pela primeira vez. Um amigo me indicou um jornal de bairro que abria espaço para publicação de histórias em quadrinhos. Era o que eu mais gostava de fazer em termos de desenho. Escrevi o endereço e o telefone do jornal em um papel de pão na cantina da faculdade e liguei para marcar uma entrevista. Agendei para o dia seguinte, às 16 horas. Ao meio-dia eu tinha ensaio com a banda, mas avalei que daria tempo.

Montei uma pasta com meus desenhos e fui para o ensaio já arrumado. No bolso, estava o papel de pão com o endereço. Comecei a tocar e, como sempre acontecia, esqueci o mundo real. Era início do verão carioca e suei em bicas. Quando dei por mim, já estava atrasado para a entrevista. Saí da casa do baterista, onde ensaiávamos no bairro de Copacabana, às pressas para pegar um ônibus para o centro da cidade, onde ficava o escritório do tal jornal. Era na rua Senador Dantas e isso eu havia guardado de cabeça. Pouco tempo após entrar no ônibus, coloquei a mão no bolso para pegar o papel e confirmar o endereço. Quando puxei-o para fora, levei um susto! O suor havia borrado tudo que

estava escrito. Eu não conseguia ler o endereço e nem o número do telefone.

Sentei desolado no último banco do ônibus. Eu havia perdido a minha primeira oportunidade de trabalho por causa da minha irresponsabilidade. Enquanto refletia e me penalizava, aconteceu uma das coisas mais surpreendentes da minha vida: uma rajada de vento trouxe pelo chão do ônibus um pedaço de jornal até os meus pés. Olhei incrédulo. Sim, era o tal jornal de bairro! “*Meu Deus, que sorte!*”, pensei. Peguei-o, vi o endereço no expediente e segui viagem. Cheguei meia hora atrasado, mas ainda assim, fui recebido pelo dono. Apresentei meus trabalhos e ele concordou em publicar minhas tirinhas de quadrinhos. O nome dele era Gontijo Teodoro, um famoso apresentador do histórico noticiário “*Repórter Esso*”, ícone do rádio e da TV brasileira nos anos 60.

Saí da entrevista radiante e considerei o que havia acontecido como um sinal. Achei que tivera uma segunda chance, uma ajuda dos deuses me avisando: “*Olha, toma jeito e seja responsável. Esquece esse negócio de música, porque nem sempre iremos te ajudar novamente colocando um jornal nos seus pés*”. Na minha cabeça, eu ainda separava trabalho e prazer. Decidi que o desenho seria o meu trabalho e a música, meu lazer, que eu deveria controlar para não prejudicar minha vida profissional.

O primeiro emprego

O jornal não me remunerava, apenas me dava o espaço e permitia que eu arrumasse um patrocinador para me bancar. Pedi

ajuda a um velho amigo da família. Ele era muito bem relacionado e me indicou um empresário do ramo de material de construção para eu ligar. Marquei uma reunião com ele, levei o jornal e fiz a proposta de dar, em troca do apoio financeiro, um anúncio da sua loja embaixo da minha tirinha. O empresário era um amante de histórias em quadrinhos e topou. Assim, eu consegui meu primeiro trabalho e achava que estava no caminho certo para construir minha carreira.

Criei um personagem chamado “*Hugo*”, baseado em um vizinho do prédio em que eu morava. Era um cara enrolador, boa vida, avesso ao trabalho. Comecei a produzir as tirinhas e as entregava no jornal junto com o anúncio do patrocinador. No final do mês, eu levava os jornais impressos para o empresário, como comprovantes da publicação, e um recibo de autônomo para receber o pagamento. Ele se divertia lendo as tirinhas, assinava o cheque e eu voltava feliz com minha remuneração. Com esse dinheiro, eu comprava minhas coisas sem precisar pedir nada para minha mãe e começava a construir minha independência.

Registrei o personagem na Escola de Belas Artes para fins de direitos autorais. Era minha primeira criação de verdade e eu estava muito feliz. Me sentia começando minha caminhada profissional. Quem selecionava e organizava as tirinhas para o jornal era um cartunista chamado Pazelli, um amante dos quadrinhos que estimulava novos talentos. Ele produziu uma revista chamada “*Oitava Arte*” e me convidou para participar. Mantivemos contato por um longo tempo e ele acompanhou meu desenvolvimento profissional.

Nessa época, comecei a estudar e procurar melhorar meu traço. Eu não gostava muito do meu desenho e admirava o tra-

balho de outros cartunistas. Era estranho, mas eu sentia que havia alguma coisa errada comigo. Apesar de saber que criar um estilo próprio seria importante, não queria me prender a um tipo de trabalho apenas. Eu tinha sede de experimentar e queria fazer coisas novas e diferentes.

Publiquei as tirinhas durante seis meses até surgir uma nova oportunidade de trabalho, dessa vez, em uma revista que estava sendo lançada. Novamente, reuni meus desenhos e marquei uma entrevista. O editor gostou e me deu a tarefa de fazer a ilustração da capa do primeiro número. Não acreditei no que havia ouvido: eu faria a ilustração da capa da revista! Aquilo era um sonho. Concentrei-me na tarefa e passei dois dias produzindo a ilustração. Não era um cartum, era uma ilustração colorida e muito trabalhosa. Aquilo não foi prazeroso, foi um sacrifício para mim. Mas, eu estava motivado pela perspectiva de ter um trabalho meu estampado na capa de uma revista e não me importei que aquela tarefa não me desse prazer. O resultado compensaria meu esforço.

No dia marcado, levei a ilustração pronta. Quando cheguei no escritório da revista tive uma grande surpresa, as portas estavam fechadas e os repórteres andavam meio perdidos pelos corredores do prédio. “*O que aconteceu?*”, perguntei e um deles me respondeu “*O diretor financeiro deu um calote e sumiu com o dinheiro. A revista não vai mais sair*”. Deitado em um dos bancos do corredor estava o editor com quem conversei e que havia me contratado. Nem tive coragem de falar nada, ele parecia em estado catatônico. As incontáveis horas de sacrifício fazendo o trabalho foram em vão. Fui para casa desolado.

Eu tinha uma facilidade enorme para fazer amigos e, dias depois, aquele repórter que me disse o que havia acontecido me

ligou. O nome dele era Carlos Ramos, ele estava trabalhando em um jornal semanal e precisava de um ilustrador. Lá fui eu, novamente, com minha pasta embaixo do braço para mostrar meus desenhos. A editora do jornal chamava-se Sonia Aguiar, uma moça muito simpática que gostou do meu trabalho e decidiu me contratar. O jornal era o "*Espaço Democrático*", um veículo para propaganda do então governador do Estado do Rio de Janeiro, Leonel Brizola. Eu somava 18 anos, me tornaria jornalista ilustrador nos anos seguintes e viveria as experiências que me levariam a definir meus rumos profissionais.

*O trabalho capaz de te apaixonar
será aquele onde você enxergar
um propósito além do dinheiro.*



Capítulo 4

Ideologia, eu quero uma para viver

Com 18 anos, eu pouco sabia sobre política. Para ser honesto, eu nem sabia que o jornal que havia me contratado tinha uma ligação partidária com o PDT, o partido do Brizola. Era 1984, ano que marcou o início do fim da ditadura militar no Brasil. Foi um momento marcante na história do País. Os jovens se tornaram politicamente ativos novamente, como foi a geração dos anos 60, e o povo se mobilizava pelas “*Diretas Já*”. O objetivo era sensibilizar os políticos a aprovarem a emenda constitucional “*Dante de Oliveira*”, que instituía novamente as eleições diretas para presidente. Foi a primeira grande mobilização popular em muitos anos. Lembro-me do comício na Candelária para milhares de pessoas, foi emocionante!

A emenda não foi aprovada, mas o movimento teve grande repercussão e desdobramentos. Foi formada a “*Aliança Democrática*”, capitaneada por dois grandes nomes da história política brasileira: Tancredo Neves e Ulysses Guimarães. Muitos parlamentares ligados ao regime migraram para essa aliança, entre eles, José Sarney e Aureliano Chaves, que era vice do então presidente militar, o general João Baptista de Oliveira Figueiredo. Essa migração foi fundamental para vencer a eleição presidencial e levar o país de volta à democracia após 21 longos anos de ditadura.

Durante o período militar, o presidente da República era eleito pelo Colégio Eleitoral de forma indireta. Era um jogo de cartas marcadas em que um general simplesmente passava o bastão da presidência para outro, que já havia sido escolhido pela cúpula dos militares. O general João Figueiredo mantinha um processo de abertura política lenta e gradual, mas a criação da *Aliança Democrática* anteciparia o fim do regime. Figueiredo seria o último presidente militar a ocupar o Palácio do Planalto.

As discussões políticas e ideológicas eram frequentes na faculdade, mas eu não me interessava por isso. Entretanto, o meu trabalho passou a exigir que eu fosse mais antenado. Certa vez, a editora me convocou para fazer uma charge enorme para a capa do jornal falando sobre as mudanças que estavam acontecendo no cenário político. Desenhei dois grandes barcos, um representando a *Aliança Democrática*, com Tancredo e Ulysses como capitães, e outro representando o regime. Desenhei Sarney e Aureliano pulando do barco do regime para nadar até o barco de Tancredo e, em um bote, desenhei Leonel Brizola tentando incendiar o barco com uma tocha. A charge ficou linda e eu mostrei orgulhoso para a editora. Aos berros ela perguntou: “*Você está maluco? O Brizola já tem fama de incendiário e você ainda o coloca incendiando o barco do regime!*”. Foi nesse momento que descobri que o jornal era do Brizola e tive que refazer a charge. Aprendi que, dali para frente, se eu quisesse ter sucesso como cartunista, eu tinha que estar sempre muito bem informado.

Mesmo sem ter muito conhecimento político, eu era criativo e tinha boas sacadas. Fiz ótimas charges que tiveram destaque e foram elogiadas diversas vezes. Então, fui convidado para um jornal maior: a lendária “*Tribuna da Imprensa*”, do polêmico

jornalista Helio Fernandes. A Tribuna era contra o Brizola e lá estava eu oferecendo meu talento para ajudar a queimar o filme do meu antigo empregador.

A Tribuna foi uma escola, um lugar fantástico em que trabalhei. Conheci pessoas incríveis, grandes nomes do jornalismo brasileiro, como Tarso de Castro, Luiz Carlos Maciel e Jaguar, fundadores do jornal “*O Pasquim*”, que marcou época durante o período da ditadura militar. Chegava no trabalho por volta das quatro horas da tarde, recebia a matéria que deveria ilustrar, lia, pensava e fazia a ilustração. Nove horas da noite, após o fechamento da edição, eu já estava voltando para casa. No dia seguinte, lá estava meu desenho estampado na página do jornal. Era muito gratificante!

A Tribuna foi fundada em 1949 pelo jornalista Carlos Lacerda, forte opositor, na época, do mítico presidente Getúlio Vargas. O Rio de Janeiro era a capital da União e a Tribuna foi um jornal que teve grande influência nesse período. Lacerda foi vítima de uma tentativa de homicídio em cinco de agosto de 1954, na porta da sua casa, num episódio que ficou conhecido como “*O Atentado da Rua Toneleiros*”. O jornalista foi baleado no pé e um dos seus seguranças, o Major Ruben Vaz, foi morto. O inquérito apurou como responsável pelo crime, o chefe da guarda pessoal de Getúlio, Gregório Fortunato. Lacerda usou a Tribuna para desferir uma forte campanha contra o presidente que acabou cometendo suicídio poucos dias depois, em 24 de agosto.

A Tribuna exalava história. Em suas páginas, foram publicados editoriais que ajudaram a mudar os rumos do País. Sua sede foi invadida e suas edições censuradas por diversas vezes. Trabalhar naquele jornal era estimulante e fazia eu me sentir

parte atuante da história. Vi Tancredo Neves ser eleito presidente, marcando o fim dos anos de poder dos militares. Em janeiro de 1985, pouco antes da cerimônia de posse, Tancredo adoeceu gravemente e foi hospitalizado. Acompanhei, de dentro da redação, os 39 dias de internação até sua morte, a posse do vice José Sarney e o início da redemocratização do país. Vi o lançamento do famoso “*Plano Cruzado*”, que tentou conter pela primeira vez a inflação galopante deixada pelos militares, e como o povo confiou no novo governo e lutou para que tudo desse certo.

Hoje, é incrível pensar como conseguíamos viver naquele tempo, com uma inflação de mais de mil por cento ao ano. Você acordava em um dia e o preço de todas as coisas já não era o mesmo do dia anterior. Havia uma aplicação financeira chamada “*Overnight*” que permitia a quem tivesse dinheiro, ganhar muito da noite para o dia. Enquanto os ricos ganhavam, o povo via seu salário se desvalorizar. Eu retratei tudo isso em minhas charges e cartuns.

Um sopro de esperança

O trabalho do jornal não me ocupava muito e sobrava bastante tempo para a música. Era a época do primeiro *Rock in Rio* e a cidade respirava rock. Como jornalista, consegui uma credencial de imprensa para assistir ao festival e fiquei absolutamente fascinado com aquele evento. Assisti ao último show em cima do palco. Quem estava lá era o Yes, uma das minhas bandas preferidas. O show foi incrível e eu vi aquela enorme massa de gente vibrando. Foi uma experiência muito marcante.

300 mil nas ruas pelas diretas

Fernando Leão

CARLOS BRICKMANN
Da nossa equipe de reportagem

Os primos



... para governadores
Leonel Brizola, Iria Resende



... interventores Vasco
... a publicação 79

Saí daquele festival empolgado e com a ideia fixa de investir na banda novamente. Nessa época eu também passei a compor e montei um repertório com canções próprias. O objetivo era levar o trabalho para uma gravadora e tentar gravar um disco. Esse era, invariavelmente, o caminho para o sucesso na música.

Eu gostava do meu trabalho no jornal, mas a música passou a me absorver muito novamente. Morava no bairro de São Conrado e jogava vôlei em uma rede na Praia do Pepino. Entre os amigos da praia, estava o diretor de videoclipes do programa “*Fantástico*” da TV Globo, Eid Walesko. Em um dia de sol, entre uma partida e outra, falei com ele sobre a minha banda e perguntei se ele poderia me ajudar de alguma forma. Para minha surpresa, ele me deu um cartão com seu nome e escreveu uma mensagem atrás elogiando a banda para um tal de Edson Coelho. Esse cara era simplesmente o presidente da gravadora RCA, uma das maiores na época. Ele disse que eu fosse à gravadora, levasse uma fita “*demo*” com as músicas gravadas e entregasse o cartão com a mensagem dele para o Edson.

Eu e meus amigos de banda ficamos eufóricos. Era a grande chance com a qual sonhávamos. Mas, nós precisávamos gravar a tal fita com as músicas. Então, passamos a ensaiar intensamente e marcamos a gravação, que demoraria pelo menos oito horas, em um estúdio profissional. Nesse dia, faltei ao trabalho no jornal com a desculpa de que minha mãe estava passando mal e que eu precisaria ficar em casa cuidando dela. Para meu azar, o editor precisou de uma ilustração para a capa e ligou para minha casa para ver se eu poderia passar rapidamente na redação só para fazer a tal ilustração. Minha mãe atendeu ao telefone e, desavisada, disse que estava bem, que eu não estava em casa e que, na verdade, eu estava ensaiando com a banda. No dia

seguinte, fui demitido, mas não me importei em perder o emprego, achava que finalmente aquela oportunidade com a qual eu sempre sonhei havia chegado, que minha vida estava prestes a mudar e que poderia conseguir viver da música.

Quando a fita ficou pronta, fui levá-la na gravadora. Lembro-me de entrar no escritório, em uma cobertura no bairro de Copacabana, e ver passar um monte de artistas que admirava. Sim, aquela era a vida que eu queria. Falei com a recepcionista, entreguei o bilhete e ela foi levá-lo ao tal Edson Coelho. Pouco tempo depois, ela voltou dizendo que ele não poderia me receber, mas que um produtor da gravadora, que estava selecionando novas bandas, iria me atender.

Após um tempo de espera, fui recebido pelo produtor Tadeu Valério. Ele me levou para uma sala onde havia uma grande aparelhagem de som e eu entreguei a fita para ele (*uma fita cassette*). Ele colocou-a no aparelho e a ouviu passivamente. Ao terminar, disse uma frase que jamais esqueci e que marcaria a minha próxima decisão profissional: “*O seu trabalho não tem uma identidade*”. Ele me devolveu a fita e me desejou boa sorte. Tempos mais tarde, fiquei sabendo que ele optou por investir em uma banda vinda do Sul, o nome era “*Engenheiros do Hawaii*”.

A decisão do produtor caiu como uma bomba, minha banda não resistiu e se desestruturou. Era como se a única chama de esperança de fazer o que eu realmente sonhava tivesse apagado. Perdi completamente o ânimo e comecei a sentir o peso da demissão no jornal. Fiquei sem dinheiro e voltei a depender financeiramente da minha mãe para fazer tudo que queria. Era um retrocesso. Achei que eu tinha cometido um grave erro, igual ao cometido alguns anos antes, quando quase perdi a oportunidade de trabalhar naquele primeiro jornal de bairros. Só que, dessa

vez, os “*Deuses*” não me ajudaram e não colocaram um novo jornal nos meus pés.

Procurei emprego durante meses e não consegui nada. Levei meus desenhos nos maiores jornais da época: “*O Globo*” e o “*Jornal do Brasil*”. Os editores diziam que meu trabalho não tinha identidade, a mesma coisa que eu ouvi do produtor da gravadora! Percebi que a minha falta de dedicação e amor pelo desenho havia impedido que eu desenvolvesse um estilo próprio e marcante, que diferenciasse meu trabalho. Percebi que, realmente, eu não teria sucesso nessa profissão e que precisaria me dedicar mais se quisesse ter sucesso em qualquer outra coisa que viesse a fazer na vida.

Não me perdoei por ter abandonado meu trabalho no jornal. Voltei a achar que a música não me levaria a lugar nenhum, que não me daria um futuro e que, na verdade, essa paixão me prejudicava profissionalmente. Lembrei-me dos meus 13 anos, quando fui primeiro aluno da turma, bastando apenas um pouco de sacrifício e empenho nos estudos. Então, decidi tirar a música da minha vida e enterrá-la definitivamente. Pensei que deveria me sacrificar e me dedicar intensamente a alguma coisa que, efetivamente, me levasse a algum lugar concreto, a ter dinheiro e a condição de vida que eu sempre desejei. Nesse dia, me cobri de barro e escondi o meu Buda de Ouro. Levaria 20 anos para eu descobri-lo novamente e resgatar minha verdadeira essência.

*Descubra a sua essência e aprenda
o que for preciso para ter sucesso
no que você gosta de fazer.*

*Só assim você se tornará uma
pessoa especial e viverá uma
vida plena.*



Capítulo 5

A essência oculta de todos nós

Durante cinco anos, estudei o que é capaz de motivar as pessoas e fazê-las se apaixonar pelo trabalho. Fiz uma pesquisa e entrevistei muita gente. Conheci diversos profissionais com histórias semelhantes à minha: gente que desejava uma coisa, mas fazia outra por diversas razões, que cobriu sua essência valiosa e enterrou seus sonhos. Muitas pessoas nem sabem que possuem uma essência de valor, passam a vida inteira sem conseguir enxergar seus talentos e o que as diferencia das demais. Entre as pessoas que conheci, estava um marceneiro. Vou dar-lhe um nome fictício para preservar sua identidade, vou chamá-lo de Sálvio. Ele era um bom marceneiro, cuidadoso, honesto e interessado pelo seu ofício, mas era visível que essa atividade não era sua verdadeira paixão.

Conheci Sálvio em uma festa de um amigo. Ele havia sido convidado para fazer mágicas e eu fiquei impressionado com sua habilidade. Eu conhecia alguma coisa sobre ilusionismo, já havia visto muitos mágicos atuando, mas Sálvio era diferente, ele fazia os números com uma tranquilidade impressionante. Era o oposto do estereótipo do mágico, vestido de paletó preto e camisa social, que, normalmente, fala muito e faz movimentos rápidos para desviar sua atenção. Sálvio se vestia como uma pessoa comum. Seria mais um convidado da festa que, se não fosse anunciado,

passaria despercebido. Ele fazia tudo com extrema calma e movimentos lentos. O resultado era surpreendente. Admirei seu talento e quis saber mais sobre ele.

Seu pai era dono da marcenaria e passou o negócio para os filhos. Ele e o irmão passaram a administrar a empresa, mas os negócios não iam bem. Sálvio era casado, tinha um filho e as dificuldades financeiras fizeram com que seu casamento terminasse. Sua mulher o abandonou e ele caiu em uma profunda depressão. Ele me confidenciou que chegou a pensar em suicídio. Certo dia, por acaso, ele encontrou um velho amigo na rua. Esse amigo havia se tornado um mágico de prestígio e percebeu que Sálvio não estava bem, convidou-o para sua casa e apresentou alguns truques. Sálvio ficou fascinado. Ele também adorava mágicas e brincava disso quando criança com o avô. Ele falou sobre essa paixão para o amigo e sobre seu desejo de aprender. Depois disso, o amigo aceitou ser seu mestre e ensinou-lhe a arte do ilusionismo.

Sálvio aprendeu rápido e começou a se apresentar em bares pela cidade entretendo os clientes. A paixão por essa atividade o tirou da depressão e recuperou sua autoestima. Sua vida foi salva, literalmente, por um passe de mágica! Quando o conheci na tal festa, ele estava nessa fase, se apresentando em bares da cidade e reconstruindo sua vida emocional. Então, decidi ajudá-lo.

Sua especialidade eram números de *close up*, aqueles que o mágico realiza bem próximo das pessoas. A remuneração era pouca e os clientes do bar nem sempre reagem bem. Alguns gostavam da brincadeira, outros não. Percebi que essa atividade o apaixonava, mas ele tinha grandes dúvidas a respeito do futuro. Então, pesquisei o assunto e encontrei exemplos de mágicos muito bem sucedidos. Encontrei profissionais que quebravam o

paradigma do mágico de circo, do animador de festas infantis. Conheci consultores que ganhavam muito dinheiro dando palestras utilizando a mágica como ferramenta. Encontrei mágicos que se tornaram empresários, que montaram fábricas especializadas em criar novos números e equipamentos. Enfim, havia um universo pulsante e cheio de oportunidades esperando por pessoas dispostas a mergulhar nesse mundo.

Tentei encorajá-lo. “*Sim, é possível viver de mágica no Brasil e ser bem sucedido*”, eu disse. Tudo que Sálvio precisava era vencer seus próprios preconceitos e desenvolver outras habilidades necessárias. Para se tornar um ilusionista de sucesso, ele precisava aprender, além dos truques, noções básicas de *marketing*, para poder se vender e cuidar da sua própria imagem, técnicas teatrais, para ter domínio de cena, técnicas de conversação e de falar em público, para quebrar sua timidez, entre muitas outras coisas. Por fim, ele também precisaria se disciplinar para organizar seu tempo e tarefas.

Durante um período, Sálvio tentou, mas foi vencido pelo seu próprio medo, suas inseguranças e incertezas. Então, ele decidiu voltar a trabalhar como marceneiro e a ser uma pessoa comum. Eu digo que o mundo voltou a ter um marceneiro competente, mas perdeu um mágico que tinha tudo para ser excepcional. Ele se dedicava muito, estudava e evoluía rápido. Progredia porque tinha habilidade e gostava do que fazia. Infelizmente, ele achou melhor não seguir adiante.

Sálvio tomou decisões influenciado por preconceitos e pela sua própria limitação em sonhar um futuro de sucesso na atividade que gostava. Walt Disney disse: “*Se você pode imaginar, você pode fazer*”. Peter Drucker, o guru da administração do século XX, disse: “*A melhor forma de predizer o futuro é criá-*

lo”. Considero essas frases perfeitas e complementares. Imagine o futuro que você quer e lute para realizá-lo, mas faça isso trabalhando naquilo que você gosta, ou seu presente não será feliz e você não terá nenhuma garantia de que será feliz no futuro. A ideia de trabalhar numa atividade que te proporcione mais segurança e perspectivas é uma utopia. Não existe segurança absoluta. Por isso, pense no amanhã, mas não esqueça de ser feliz no dia de hoje.

Quando comecei a escrever este livro, tive acesso a uma pesquisa que apontava a carreira de analista de sistemas como a mais promissora do mercado. Antes mesmo de colocar o ponto final, ou seja, poucos anos depois, vi uma outra pesquisa que incluiu o analista de sistemas como um profissional em extinção! Ou seja, o mundo está mudando rápido e o que é uma boa opção hoje, pode não ser amanhã. Essas pesquisas pretendem prestar um serviço a quem está em fase de escolhas, mas eu considero que elas confundem a cabeça das pessoas, influenciando-as a desviarem de suas verdadeiras vocações e talentos. Foi exatamente o que aconteceu comigo quando decidi fazer desenho industrial. Escolhi essa carreira, em grande parte, influenciado pela relação candidato/vaga, que oferecia mais chances para eu passar no vestibular e ingressar em uma boa universidade.

Aproveitando o gancho sobre análise de sistemas, vou contar outra história interessante que conheci em minha pesquisa. É a história de Francisco (*nome fictício*), que gozava de uma vida tranquila trabalhando nessa atividade. Ele tinha um bom emprego, um bom salário e perspectivas de crescimento. Ele também era casado e tinha um padrão de vida razoável. Mas, mesmo com tudo isso, não era feliz. Ele era infeliz porque não gostava do que fazia. Como eu, Francisco também adorava

música, mais especificamente, a parte de sonorização. Era um apaixonado pelos detalhes técnicos de gravação de áudio e exercia essa atividade como *hobby*. A esposa acreditava que, como analista de sistemas, ele estava construindo o que poderíamos chamar de um futuro seguro. Entretanto, um belo dia, ele decidiu largar o emprego de analista e arriscar realizar o sonho de viver da atividade que realmente gostava. Francisco abriu um estúdio de gravação com um amigo e foi à luta. Sua renda diminuiu drasticamente e ele passou por dificuldades financeiras. Sua esposa não aceitou perder o padrão de vida que tinha e seu casamento acabou.

Francisco ainda batalhou um tempo tentando viver do que gostava, mas, meses depois, ele foi forçado a voltar atrás, fechar o estúdio e aceitar um emprego como analista de sistemas novamente. Ele não conseguiu ter sucesso na atividade pela qual era apaixonado. Sua tentativa de ser feliz fazendo o que gostava foi frustrante e muito dolorosa, trazendo-lhe graves consequências. Ele não se planejou, tomou uma decisão precipitada e pagou caro por isso. Pergunto-me se o mesmo não teria acontecido comigo se eu tentasse levar a música adiante com meus 20 e poucos anos. Provavelmente, também não conseguisse realizar meus sonhos e me frustraria. Talvez, exista um momento certo para retirar a nossa cobertura e exibir a essência de ouro que existe dentro de nós. O importante é ter a consciência de que essa existe e planejar o momento certo de resgatá-la.

Sálvio e Francisco conheciam suas essências, mas não conheciam suas limitações. Eles não se planejaram para desenvolver o que precisavam e terem sucesso fazendo o que gostavam. Eles também não souberam compartilhar seus sonhos com suas famílias e fazer com que se envolvessem e os ajudassem na

realização de seus objetivos. É fundamental entender que a construção de uma carreira demanda tempo. Planejar essa construção é indispensável.

Lidando com as pressões

A maioria dos jovens encara a formatura como um marco, o início de uma corrida para conseguir um bom emprego e realizar seus sonhos. Poucos são os que já saem da faculdade empregados. Isso acontece quando possuem um currículo escolar exemplar, que serve como credencial num processo seletivo de uma grande empresa, ou quando os pais são bem relacionados e abrem as portas. Mas, a maior parte precisa correr atrás de uma oportunidade e esperar que aconteça.

O que um jovem recém-formado tem para apresentar a não ser o currículo escolar? E desde quando o currículo escolar é garantia de que esse jovem será um bom profissional? Se currículo escolar fosse condição para o sucesso, um dos maiores nomes da ciência não existiria, Albert Einstein foi um péssimo aluno. Então, não conseguir um bom emprego logo que saímos da faculdade, não é sinônimo de fracasso. Entretanto, os jovens sofrem inúmeras pressões. Enquanto vivemos no útero do mundo acadêmico, nos sentimos protegidos, livres das responsabilidades. Conforme a formatura vai se aproximando, as pressões começam a aumentar, surgem os questionamentos e as primeiras inseguranças. “*Será que vou conseguir ter sucesso na carreira que escolhi?*”, é a pergunta que todos fazem para si mesmos.

A empregabilidade depende de uma série de fatores. O mais importante deles é a rede de relações. Uma indicação representa

muito no mundo do trabalho. Entretanto, esperar que um jovem de 20 anos construa uma rede de relações com base em interesses profissionais, é pedir muito. Por isso, essa rede de relações, na maior parte das vezes, vem dos pais e eles acabam exercendo uma influência, nem sempre positiva, nas escolhas dos filhos.

Existe uma outra parcela de jovens cujo nascimento para o mundo do trabalho acontece precocemente. Normalmente, esses jovens são de famílias menos favorecidas e, por isso, o trabalho se torna uma necessidade. Eles aproveitam as primeiras oportunidades de emprego que surgem para gerar renda e, dificilmente, essas oportunidades são atividades da qual gostam ou sempre sonharam. Os mais determinados conseguem estudar simultaneamente na busca de realizar seu sonho profissional, outros permanecem a vida inteira encarando o trabalho apenas como obrigação e sustento.

Em todas as situações, a construção da carreira demanda tempo e planejamento. Não importa se você é da classe A, B ou C, o importante é ter paciência, se planejar e criar condições para não sair da estrada. Álvaro foi um profissional que conheci em minha pesquisa e que mudou de profissão por não conseguir êxito rápido na carreira escolhida inicialmente. Seu desejo era ser publicitário e ele cursou a faculdade de comunicação social. Pouco antes de concluir o curso ele se casou e, após receber o diploma, começou a batalhar um lugar ao sol nesse mercado. O pai era um advogado bem sucedido, sócio de um importante escritório, e pressionava o filho a seguir a mesma carreira sob o argumento de que teria emprego garantido.

Álvaro conseguiu emprego numa pequena agência e curtiu a sua jornada, aguardando, pacientemente, seu crescimento natural na carreira. Entretanto, quando nasceu seu primeiro filho, ele

passou a receber pressões maiores da família. Depois de um tempo, ele acabou sucumbindo e decidiu mudar os rumos de sua vida profissional. Sem perspectivas de conseguir um emprego em curto prazo numa grande agência e ter um salário melhor, ele realizou a vontade da esposa e aceitou os conselhos do pai: largou a publicidade, prestou um novo vestibular e foi cursar direito numa universidade de pouco prestígio, onde concluiu seu curso em pouco tempo e sem muito esforço.

Antes mesmo de se formar, Álvaro já estava trabalhando com o pai e ganhando um salário maior do que ganhava como publicitário. Foi uma decisão certa? Quatro anos mais tarde, ele acabou se separando da mulher pela qual havia abdicado do seu sonho profissional. A decisão que ele havia tomado, influenciado pela família e pelo desejo de manter seu casamento, perdeu o sentido e ele ficou sozinho com suas frustrações profissionais.

Todos os casos que contei até agora mostram como a família possui uma dimensão enorme em nossa vida e exerce a maior influência nas decisões profissionais que tomamos. Ela tem o poder de nos fazer mudar o rumo quando sentimos que ela está ameaçada. Porém, não existe maior ameaça à família do que a frustração. Um profissional frustrado é uma pessoa amarga e isso influi nos relacionamentos. A família precisa ser parceira em nossa jornada. Casa e trabalho são indissociáveis. Apesar de serem mundos diferentes, um exerce influência brutal sobre o outro. É impossível trabalhar bem quando se tem problemas em casa. É impossível estar bem em casa quando se tem problemas no trabalho. Preservar a harmonia e o equilíbrio entre esses mundos é fundamental. Abrir mão do trabalho pela família é tão nocivo quanto abrir mão da família pelo trabalho. Nossos

companheiros e companheiras devem estar envolvidos em nosso planejamento, aceitando que ele exige um tempo para ser concretizado.

A importância do planejamento

Quem se planeja e adquire as competências necessárias para construir o que sonha, consegue chegar lá. Conheci uma moça que vou chamar de Bárbara. Ela morava no interior do Rio Grande do Sul, fez faculdade de nutrição, se formou, fez mestrado e decidiu fazer o doutorado no Rio de Janeiro. Bárbara já percebia que não estava apaixonada pela carreira que tinha escolhido, mas ainda não sabia que outro caminho seguir. Ensinar era a sua paixão desde a infância, mas, na verdade, ela tinha decidido vir para o Rio de Janeiro muito mais motivada por viver na cidade maravilhosa do que, propriamente, pelo estudo. O doutorado era apenas uma desculpa para a família e para ela própria.

Após um ano, Bárbara decidiu que ia fazer outra coisa da sua vida, estava cansada do jogo de vaidades e do ambiente hostil da universidade. Aquele não era o seu *habitat* natural. Para auferir renda e se manter, trabalhou em diversas atividades e, em um dos seus empregos, atuou como gerente de uma loja de informática. Nessa função, ela teve a oportunidade de fazer um treinamento de desenvolvimento pessoal e liderança que mudou sua vida. Ela ficou encantada pelo curso e pelo trabalho do instrutor. Foi como Bárbara descobriu que queria desenvolver pessoas. Isso era o que ela buscava quando decidiu seguir a carreira acadêmica, mas ela queria fazer isso de uma forma diferente, investiu em sua capacitação e se tornou *Coach*. Em sua

conversa comigo, ela disse que se realiza ao ajudar pessoas a se desenvolver e ser uma ferramenta de transformação na vida dos outros. Em suas lembranças mais prazerosas da infância, ela relata que brincava de aulinha com suas bonecas, usando giz e quadro-negro, seu brinquedo favorito que guarda até hoje na casa dos seus pais, no Sul.

Enquanto fazia sua transição, Bárbara buscou fórmulas para gerar renda e se manter. Ela procurou exercer atividades que não ocupassem seu tempo integral e permitissem que ela continuasse investindo no que realmente desejava. Ela sabia que ter foco seria fundamental na construção da carreira. Sobre essa questão, tenho mais uma história para contar entre os diversos casos que estudei, uma história que mostra como é importante manter o foco e como podemos ser seduzidos a desviá-lo.

Henrique tinha conseguido um estágio como produtor gráfico em uma grande agência de propaganda. Mas, esse não era seu objetivo, ele queria trabalhar na criação, como diretor de arte. Ele aceitou o estágio, mesmo não sendo na área desejada, porque seria uma oportunidade para entrar dentro de uma agência e fazer *network*. A vaga foi indicada por um grande amigo da faculdade que já estava trabalhando na agência há algum tempo. Foi uma decisão estratégica. Henrique não conhecia muitas pessoas nesse segmento que pudessem abrir portas e ele avaliou que, estagiando em uma grande agência, poderia conhecer pessoas, ficar sabendo das oportunidades e aproveitar a primeira que surgisse.

Como estagiário, ele tinha liberdade de transitar pelos vários departamentos da agência, observar o trabalho na criação e demonstrar seu verdadeiro interesse enquanto esperava uma vaga. Mas, a tão sonhada vaga na criação não surgiu. Então, por

ironia do destino, ele recebeu a proposta para ser efetivado como produtor gráfico. Era um excelente salário para um jovem de vinte e poucos anos e Henrique aceitou. Sua motivação foi somente o ganho financeiro.

Ele começou a trabalhar na função cumprindo horários e com uma carga de trabalho bastante intensa. Ele não tinha mais tempo e nem liberdade para transitar pela agência e conversar abertamente com os diretores de arte. Ele passou a ser visto como um profissional de produção e, dessa forma, estava começando a construir sua carreira. Passaram alguns meses até ele perceber que havia cometido um grave erro. Um dos diretores de arte pediu demissão e a tão sonhada vaga na criação finalmente estava aberta. Henrique cultivou a esperança de ser chamado, mas ele estava desempenhando um bom trabalho na produção e os diretores não deixariam que mudasse de área. Não demorou muito para que suas esperanças se transformassem em frustração. Algumas semanas depois, a vaga foi ocupada.

Henrique havia desviado da sua estrada. Ele não abandonou seu sonho, mas havia tomado um caminho errado, que tirou seu foco. Isso aconteceu porque ele não teve paciência para esperar e foi seduzido por uma proposta tentadora financeiramente. Então, consciente do grave erro que havia cometido, ele foi até o diretor geral da agência e pediu para voltar a ser estagiário. O diretor não acreditou no que estava ouvindo, aquilo parecia piada.

A proposta de Henrique, evidentemente, não foi aceita e ele decidiu pedir demissão. Foi uma decisão corajosa e determinante na sua vida profissional. Ele continuou a procurar emprego na área que desejava e, pouco tempo depois, conseguiu a tão sonhada vaga de diretor de arte júnior em outra agência.

Henrique voltou para sua estrada e construiu uma bela carreira. Se ele tivesse continuado como produtor gráfico apenas pelo bom salário que ganhava, não teria conseguido realizar seu objetivo e seria uma pessoa infeliz.

A última história que contarei nesse capítulo é a de Sabrina. Ela trabalhava na redação de um jornal e, por anos, exerceu a mesma função sem qualquer promoção ou aumento salarial. Outras pessoas, com menos tempo de casa e menos competência, receberam promoções enquanto ela continuava no mesmo patamar. Ela se achava preterida pelo chefe, que escolhia quem promover mais pela relação pessoal do que pelos méritos. Sabrina era uma pessoa tímida e sabia que isso era um impedimento para seu crescimento profissional. Ela gostava do que fazia e da empresa em que trabalhava, mas sua insatisfação se tornou insustentável, ela aceitou uma proposta de trabalho em outro jornal com um salário menor e trocou de emprego por avaliar que teria mais chances de crescer profissionalmente em outro lugar.

Sabrina tomou uma atitude corajosa para não abrir mão do jornalismo, que era o trabalho que a apaixonava, começou uma vida nova no novo emprego e, paralelamente, buscou ajuda para superar sua timidez. Ela fez vários treinamentos para melhorar sua comunicação e relacionamento interpessoal. Em dois anos, ela conseguiu o que queria, cresceu profissionalmente e teve seu talento reconhecido.

O exemplo de Sabrina é importante para mostrar que, nem sempre, estamos infelizes no trabalho por fazer o que não gostamos. Muitas vezes, estamos infelizes por circunstâncias pontuais, como um péssimo ambiente de trabalho, cheio de injus-

tiças e pouco estimulante, falta de condições adequadas e outros problemas ocasionados por más políticas de gestão de pessoas por parte dos empregadores. Nessa hora, é preciso coragem para mudar de emprego e ter a consciência das competências que precisamos adquirir para crescer profissionalmente, conseguir atingir nossos objetivos e a excelência no que fazemos. Sabrina soube identificar o que precisava e desenvolveu as habilidades necessárias sem mudar seu foco. Ela preservou sua essência e apenas lapidou-a.

Muita gente muda o foco por diversas razões, cobre o Buda de Ouro que tem dentro de si, escondendo-o deliberadamente por achar que, sendo de outra forma, escolhendo outros caminhos, terá mais chances de realizar seus objetivos e ser feliz. Lá estava eu entre essas pessoas, achando que chegaria a algum lugar e seria feliz sendo quem eu não queria ser.

*Todos os dias quando acordo
Não tenho mais o tempo que passou
Mas tenho muito tempo
Temos todo o tempo do mundo...*

Renato Russo



Capítulo 6

Tempo perdido

Hoje em dia, olho para trás e penso quanto tempo eu perdi fazendo o que não gostava. Talvez, se eu seguisse o rumo que meu coração sempre me apontou desde o início, tivesse obtido mais sucesso. Mas, refletindo melhor, é uma injustiça dizer que os 20 anos que se seguiram na minha vida, depois de enterrar minha verdadeira essência, foram totalmente perdidos. Aprendi muito, adquiri experiência e maturidade. Tenho o hábito de encarar as coisas sempre de forma positiva e olhar tudo pelo lado bom. Então, acredito que consegui realizar tudo que realizei depois graças às minhas vivências e aprendizado ao longo desse tempo.

O fato é que foram anos de muito esforço para pouco resultado diante do que eu esperava e desejava. Foram poucas recompensas. A maior de todas, que é a felicidade, eu não obtive. Tive momentos felizes sim, comemorei conquistas, mas nada perto da enorme sensação de realização plena que eu desfrutei quando voltei a fazer aquilo que era a minha paixão verdadeira. Ocupei cargos de liderança, abri minha primeira empresa, juntei dinheiro, comprei bens e imóveis, tive uma vida financeira tranquila, mas analisando friamente, nada que justificasse tanto sacrifício. Todo o meu esforço causou, na verdade, uma consequência grave que quase me levou à morte.

Após perder meu emprego no jornal e abandonar a música, decidi mudar de área e começar praticamente tudo do zero outra vez. Eu já não tinha mais interesse pela faculdade e, com o passar dos anos, percebi que desenho industrial não era o que eu queria. Eu gostava do desenho livre e não queria trabalhar projetando objetos para serem industrializados.

Durante os primeiros anos na UFRJ, tive contato com os alunos do curso de comunicação visual e acabei me interessando mais por essa carreira. Alguns amigos que faziam esse curso já haviam conseguido emprego em agências de publicidade. Fiquei impressionado com seus salários. A publicidade remunerava muito melhor que o jornalismo e vislumbrei um futuro promissor. Eu era muito criativo e achava que poderia ser bem-sucedido nessa profissão. Então, em 1988, consegui um estágio em uma grande agência carioca na época, a *Comunicação Contemporânea*, e fui contratado meses depois.

O trabalho na agência era diferente do jornal, exigia muito mais tempo e dedicação. Às vezes, chegávamos de manhã e só voltávamos para a casa na manhã do dia seguinte, tudo para entregar as campanhas no prazo determinado. Essa dedicação me obrigou a abandonar a faculdade. Decidi trancar a matrícula e nunca mais voltei para a UFRJ. Ainda tentei fazer um curso superior porque achava importante. Batalhei e consegui uma transferência para uma universidade particular na tentativa de cursar comunicação visual, mas nem sequer concluí o primeiro período. Ter um curso superior havia perdido o sentido para mim. Eu já estava construindo minha carreira sem ele.

Comecei trabalhando em agências como ilustrador, mas meu objetivo era chegar à área de criação e me tornar diretor de arte. Fui recebendo novas propostas, trocando de agência e, dois

anos depois, consegui atingir minha meta. Fui construindo uma nova carreira, dessa vez, aparentemente mais sólida, com uma perspectiva de resultado bem melhor que o jornalismo.

Trabalhar em publicidade me estimulava no início. Surgiam novos desafios todos os dias, campanhas para serem criadas, prazos para cumprir e pessoas interessantes para trocar ideias. Eu fazia dupla de criação com um redator e criávamos anúncios para jornais, revistas, rádio e televisão. Só havia uma coisa da qual eu não gostava: os clientes. Parece brincadeira, mas é verdade. Logo eles, que justificam a existência da agência, contratam seus serviços e pagam as contas, era a parte do negócio que eu detestava. Passávamos dias trabalhando nas campanhas, virávamos noites, dávamos o melhor do nosso talento e criatividade, produzíamos peças com empenho e dedicação, entregávamos o trabalho no prazo para, no fim, o cliente dizer que não havia gostado, que não era aquilo que ele queria e mandar refazer tudo. Era frustrante!

Admiro demais os publicitários, pois eles fazem um exercício de desapego todos os dias. Uma peça publicitária também é uma obra de arte que carrega um pouco do amor de seu criador. Ter que abandonar uma criação para fazer outra era desestimulante. Na maioria das vezes, sabia que havia feito um bom trabalho, que traria resultados para o cliente, e defendia minha criação com empenho, mas o esforço era inútil. Como diz a máxima: o cliente tem sempre razão.

Refazer uma tarefa é uma das coisas mais desagradáveis do mundo do trabalho. É assumir que você falhou, renovar a energia e recomeçar tudo do zero. O desestímulo é ainda maior quando aquilo que você fez e foi recusado tinha muito da sua alma e amor. Saber como recusar um trabalho e mandar refazer é uma

habilidade que poucos dominam. Nessa hora, é sempre importante deixar claro a razão da recusa e procurar mostrar o que pode ser melhorado, sem críticas. Quem domina essa habilidade tem um dos requisitos mais importantes para lidar com gente no mundo do trabalho. A maior parte dos clientes não tinha e, definitivamente, eu não gostava deles. Mas, eles pagavam as contas e eu rapidamente aprendi que deveria estabelecer uma relação inteligente, que não deveria me apegar às minhas criações e que deveria tratá-las como produtos, com o objetivo único de vender e trazer resultados.

Comecei a perceber que outros publicitários faziam isso e não se apegavam ao trabalho do dia a dia. Aprendi que eles sentiam verdadeiro prazer quando tinham liberdade, criando campanhas que as próprias agências bancavam para serem inscritas em prêmios. Esses anúncios sempre eram muito bons, apenas os clientes não sabiam disso. Então, se eu quisesse, de fato, sentir prazer pelo que produzia, tinha que me desvincular do cliente e produzir algo exclusivamente para mim. O problema era quando: nas horas vagas? Quais horas vagas? O trabalho na agência era intenso, não existiam horários ociosos.

O falso sucesso

Eu gostava de desafios e fui crescendo profissionalmente até atingir o topo da pirâmide como publicitário em 1993. Nesse ano, me tornei diretor de criação de uma agência. Esse era o cargo máximo desejado por mim. Eu era responsável pela produção de todas as campanhas e coordenava o trabalho das duplas de criação. Nessa época conheci a mulher com quem me casaria dois anos depois.

Minha esposa trabalhava como assessora de imprensa na última agência em que trabalhei. Fiquei nessa empresa apenas duas semanas. Eu costumo brincar com ela dizendo que tinha que passar por esse último emprego apenas para conhecê-la. Esse foi meu último trabalho com carteira assinada. Eu sempre desejei ter meu próprio negócio e essa vontade ficou ainda mais forte quando encontrei uma parceira. Antes mesmo de nos casarmos, já estávamos empreendendo juntos.

Em 1995, abrimos um escritório chamado Arte Virtual Comunicação. A proposta era prestar serviços de assessoria de imprensa e publicidade. Dessa forma, uniríamos as nossas duas *expertises*. Levei comigo alguns clientes que atendi nas outras agências em que trabalhei e começamos nossa empreitada. Na inauguração do escritório, chamei meus melhores amigos. Curiosamente, não havia publicitários no grupo, apenas velhos amigos músicos. Era a minha paixão que eu não esquecia. Era com essas pessoas que eu, efetivamente, me sentia bem. Naquele momento importante da minha vida, eu queria estar com quem eu realmente me identificava e tinha prazer em conversar.

Fomos em frente e a agência cresceu. Eu e minha esposa trabalhamos juntos até perceber que o desgaste do trabalho estava prejudicando nosso relacionamento. É muito difícil compartilhar a vida pessoal e profissional, existem casais que conseguem, outros não. Trabalhar junto pode solidificar laços, mas, depois de um tempo, pode virar um inferno. No nosso caso, duvido que superássemos as diferenças e, principalmente, os estilos opostos de trabalhar. Minha esposa gostava de estar rodeada de pessoas, eu preferia o isolamento para poder criar. Ela era menos estressada, eu, muito exigente, exigia de mim mesmo e dela também. Esquecemos nossa vida pessoal e passávamos

nosso dia pensando no trabalho. Pela continuidade do nosso relacionamento, decidimos que ela deveria procurar uma oportunidade em algum jornal. Foi uma decisão inteligente em todos os aspectos. Ela conseguiu um emprego no *Jornal do Brasil* e nossa parceria continuou com a diferença de que não estávamos mais juntos o tempo todo.

Trabalhando nas redações, ela me ajudava indiretamente, conhecia pessoas e gerava oportunidades. Foi uma época em que a agência cresceu bastante. Eu fiquei sozinho no escritório e, a cada dia, ficava mais difícil encontrar motivação. Sabia o que era importante para mim e procurava suprir as minhas necessidades. Montei um escritório belíssimo, em um dos melhores prédios comerciais do Rio, com equipamentos de última geração para que eu me estimulasse estando em um ambiente agradável. Mas, o trabalho em si não me apaixonava. Adorava os desafios, criar campanhas, eventos, ver os anúncios veiculados, os clientes nas páginas dos jornais por intermédio do trabalho de assessoria de imprensa, mas nada disso me apaixonava ao ponto de fazer eu me dedicar de corpo e alma e me diferenciar. Eu era mais um entre tantos publicitários com agências de pequeno porte no mercado.

Logo após criar a agência, quando completei 30 anos, eu estipulei uma meta: aos 40, queria estar rico e realizado para poder reduzir meu ritmo e curtir a vida. Eu teria dez anos pela frente para concretizar meu objetivo e comecei a trabalhar muito, exigindo o máximo de mim mesmo. No princípio, minha energia e motivação estavam no auge diante do desafio que eu havia estabelecido. Pensava no negócio 24 horas por dia, todos os dias da semana. Vivía para o meu trabalho e abandonei muitas coisas, inclusive as atividades físicas e de lazer que eu tanto gostava.

Os negócios começaram a caminhar bem e conquistamos dois clientes que foram muito importantes para o que aconteceria comigo depois: uma entidade de empresários chamada Pensamento Nacional das Bases Empresariais – PNBE – e uma associação de classe, a Associação Brasileira de Recursos Humanos – ABRH.

Na entidade de empresários, eu aprendi sobre a importância da vida associativa, desenvolvi diversos projetos e acabei me tornando coordenador geral no Rio de Janeiro. Eu sentava na mesa lado a lado com grandes figuras do mundo empresarial e tive uma aprendizagem fantástico. Ajudei a organizar grandes eventos, entre eles, um que batizamos de "*O Rio que Nós Queremos*", com o objetivo de discutir a atuação da bancada do estado em Brasília. Na opinião dos empresários, os parlamentares fluminenses não defendiam nossos interesses. Por uma questão cultural, pelo fato do Rio ter sido a capital e centro das decisões nacionais, eles pensavam apenas em termos de Brasil e raramente se uniam para pleitear verbas, investimentos e aprovar projetos que beneficiassem especificamente o estado. Esse evento foi muito marcante. Tive a oportunidade de conhecer os maiores nomes da política nacional na época e grandes líderes empresariais.

Ainda no PNBE, criei um projeto chamado "*Grupo de Ação Social*" que tinha como objetivo fazer uma ponte entre os empresários e entidades assistenciais. Nesse projeto, eu tive a oportunidade de conhecer o criador da célebre campanha "*Ação da Cidadania*", o sociólogo Herbert de Souza, e diversas pessoas que faziam trabalhos sociais maravilhosos. Foi uma das grandes experiências que esse período da minha vida me proporcionou. Eu descobri valores que passaram a fazer parte do meus ideais.

Nos primeiros anos pós-ditadura militar, a sociedade estava ansiosa por participar e debater questões políticas, sociais e culturais. Foi um período muito especial em que o conceito de cidadania foi resgatado. Cada cidadão passou a ter consciência do seu papel social e surgiram diversas entidades, nas mais variadas áreas, para dar voz ao cidadão. Eu atuei intensamente como empresário durante esse período. Participei de várias iniciativas e movimentos que contribuíram para formar a minha consciência social.

Na associação de RH, tive contato com o mundo da gestão de pessoas e isso contribuiu para mudar minha forma de lidar com quem trabalhava comigo. Eu abri minha mente para os outros, pois, até então, adotava uma postura individualista, tomando decisões sempre sozinho, sem delegar responsabilidades. Nessa época, eu comecei a aprender a trabalhar em grupo, contratei mais funcionários, montei uma equipe produtiva e estimulei outras pessoas. Meu irmão foi o primeiro, curiosamente ele, que tinha me apresentado ao mundo da música e sido meu maior ídolo. Ele enxergava em mim um exemplo de realização e empreendedorismo. Não imaginava que eu não gostasse daquilo e que, na verdade, eu não esquecia nossas tardes juntos tocando violão e piano.

Meu irmão havia deixado a engenharia por falta de perspectivas, fez um curso de informática e se tornou analista de sistemas. Ele trabalhou com carteira assinada até ser demitido de uma grande empresa do ramo petroquímico. Ele tentou uma recolocação, mas não conseguiu nada no mesmo nível. Então, sugeri que ele experimentasse vir trabalhar comigo e criar uma nova área de negócios na agência para prestar serviços de tecnologia da informação. Ele aceitou meio reticente e, durante

um tempo, ainda continuou distribuindo currículos no mercado. Fizemos uma mala direta apresentando soluções de TI para as empresas e ele conquistou seu primeiro cliente. Depois vieram outros e outros e ele acabou entrando para a sociedade.

A agência cresceu e eu continuava trabalhando intensamente. Minha esposa se distanciava dos meus negócios e se envolvia mais com seu trabalho na redação. Ela estava realizada e havia encontrado a atividade pela qual realmente era apaixonada desde criança. Ela nunca gostou de trabalhar como assessora de imprensa num escritório fechado e pequeno. Sonhava em ser repórter e trabalhar no calor das redações, apurando os fatos e transformando-os em notícias. Esse era o seu ambiente natural. Enquanto isso, eu estava me forçando a fazer o que não me apaixonava.

Os anos foram passando e eu fui ficando cada vez mais angustiado. Minha meta de riqueza ainda estava longe de ser atingida, achei que não me dedicava o suficiente e passei a trabalhar ainda mais. Cada cliente que dispensava meus serviços me motivava a buscar outros dois. Foram quase dez anos em que não tirei férias, não viajei, pouco me diverti e, principalmente, não cuidei de mim mesmo, até que um presente iria começar a mudar essa história.

*Passei 20 anos da minha vida
remando contra a maré,
lutando contra a minha
verdadeira essência.*

*Consegui pouco diante de tanto
sacrifício.*

*Quem investe no trabalho em que
sente prazer sofre menos e pode
chegar muito mais longe.*



Capítulo 7

O reencontro com a paixão

Meus 40 anos estavam se aproximando e meu esforço para me automotivar se tornava cada vez maior. A cada segunda-feira, eu precisava buscar energias para levantar e continuar cumprindo com minhas obrigações na agência. Eram obrigações que eu mesmo havia estipulado para mim. Não havia ninguém me cobrando nada, a não ser eu mesmo. Depois de um tempo, não consegui manter o ritmo e a agência parou de crescer. Eu estava chegando ao meu limite, vivia uma vida focada na realização dos meus objetivos, me afastei dos velhos amigos e fiz poucos novos. A maior parte das amizades que fiz nesse período eram amigos da minha esposa. Ela tinha uma vida social ativa, enquanto eu vivia enfiado no escritório, envolto em projetos que não me estimulavam mais. Outra vez, nosso casamento ficou ameaçado e nos afastamos bastante.

Minha esposa estava realizada, exalava felicidade e autoconfiança, atraía pessoas ao seu redor, enquanto eu vivia fechado em meu universo de objetivos que não conseguia atingir. Ela sabia que aquele não era o verdadeiro Marcelo, que faltava alguma coisa na minha vida. Então, pouco antes de completar 40 anos, ela me deu um presente que começaria a transformar a minha história e trazer à tona novamente a minha verdadeira essência.

No meu aniversário, ela me levou até uma loja de instrumentos musicais e disse: “*Quero te dar uma guitarra de presente*”. Era um modelo com o qual eu havia sonhado a minha vida toda. Lembro-me de experimentá-la e vibrar de felicidade ouvindo seu som. Mas, eu jamais a compraria para mim, havia vendido todos os meus instrumentos e decidido que nunca mais investiria nisso novamente. Entretanto, ganhar um instrumento de alguém era diferente, eu não me sentia contrariando meus planos e objetivos. Era um presente e eu não poderia negar. Por isso, a atitude da minha esposa foi tão importante. Ela sabia da minha paixão e aquele foi um presente realmente muito especial. Havia se passado quase 10 anos desde a última vez que eu tinha tocado em uma guitarra. Naquele momento, eu tinha nas mãos a que sempre sonhei e isso foi o ponto de partida para o que viria a acontecer depois.

É muito bom ter pessoas do nosso lado que nos amam de verdade. Essas pessoas, às vezes, conseguem enxergar aquilo que você não enxerga e, por isso, é importante ouvi-las. Minha esposa sabia o que estava fazendo. Ela tinha esperança que aquele presente resgatasse um pouco da minha alegria de viver e trouxesse à tona um Marcelo que ela conheceu apenas pelas fotos e histórias, um Marcelo que estava sempre sorrindo, apaixonado, menos estressado, disposto a fazer loucuras, ousar mais e ser feliz todos os dias. Ela teve uma sensibilidade enorme e o que fez foi uma grande prova de amor.

Após ganhar o presente, o inevitável aconteceu, voltei a tocar e não demorou muito para eu convidar novos amigos para montar uma banda. Começamos a ensaiar todas as sextas-feiras após o expediente, em um estúdio na Tijuca. Sim, eu estava respeitando os horários. Sexta-feira era perfeito, os dias úteis já

haviam acabado e não existia o risco de eu me desconcentrar do trabalho. Era pura diversão e prazer, com mais responsabilidade. Tocávamos as músicas que gostávamos, bebíamos algumas cervejas e voltávamos para casa extremamente felizes. Aquilo passou a ser a minha terapia contra o estresse do escritório.

Um ano se passou e eu ensaiava rigorosamente todas as sextas-feiras. O ensaio era sagrado, chovesse ou fizesse sol. A banda foi ficando cada vez mais entrosada, os amigos apareciam para assistir os ensaios e ficavam bastante impressionados com o que ouviam e, então, decidimos fazer apresentações em público. O problema é que não existiam mais lugares na cidade para shows ao vivo do estilo que gostávamos: rock e blues. Todos os bares que abrigavam shows dessa natureza haviam fechado as portas. A solução foi nos apresentarmos em clubes e em festas particulares. Assim, eu fui voltando lentamente para esse mundo que me apaixonava.

Nessa época, eu morava em um condomínio na Barra da Tijuca. Meu prédio tinha um restaurante e eu fiz amizade com o dono. O nome dele era Rivo Abreu, um executivo do mercado financeiro em São Paulo que havia largado tudo para ter uma vida mais tranquila no Rio de Janeiro. Conversávamos bastante sobre sonhos e projetos futuros e comentei com ele sobre a ideia de abrir um clube de música. Minha inspiração eram as famosas casas de blues de *Nova Orleans* e *Chicago*. Já que não havia mais casas desse estilo no Rio, eu abriria a minha própria, onde tocaria com minha banda, como faziam músicos como BB King e Buddy Guy.

Ele não deu importância ao meu projeto, não acreditava que isso pudesse ter sucesso. Eu era um cara tímido e de pouco carisma. Ele duvidava a que eu pudesse subir no palco, tocar e cativar

alguém. Porém, no dia em que comemorei meu aniversário de 39 anos, fiz a festa no restaurante dele, chamei a banda para tocar e ele ficou impressionado. No palco, eu parecia outra pessoa. Desse dia em diante, ele aceitou conversar mais seriamente sobre a minha ideia.

Quando voltei a tocar, reatei contato com velhos amigos músicos. Certa noite, um deles me convidou para assistir seu show em uma boate, também na Barra da Tijuca. Fiquei na dúvida se iria ou não. Era uma sexta-feira e eu estava cansado depois do ensaio da banda, mas alguma coisa me motivou a ir mesmo assim. Cheguei ao lugar, paguei o ingresso e entrei. Era um galpão anexo a um restaurante. O local estava decadente e cheirava a mofo. Meu amigo tinha fechado uma parceria com o dono e estava fazendo apresentações todas as sextas-feiras nesse espaço para tentar trazer movimento, mas havia apenas uma meia dúzia de pessoas nesse dia. Assisti ao show, tomei duas doses de uísque e fui embora. No caminho de casa, pensei em como seria legal ter um local para poder reunir os amigos e tocar uma vez por semana, sem muito compromisso, da mesma forma que aquele meu amigo estava fazendo. Eu não me afastaria do meu trabalho, não teria responsabilidades e poderia fazer o que gostava como um *hobby*.

Pouco tempo depois, fiquei sabendo que o dono do restaurante tinha decidido cancelar a parceria. Os shows do meu amigo não estavam atraindo público. Então, decidi me apresentar e propor continuar aquele trabalho, me comprometendo a trazer melhores resultados. Marquei uma reunião e fui mostrar meu projeto. O dono do restaurante chamava-se Leonardo Vieira, um garoto de pouco mais de 18 anos na época. Ele vinha de uma família com tradição no ramo de alimentação, mas seu sonho era

ter uma boate. Ele convenceu os pais a construírem o tal galpão e tentar a sorte nessa nova atividade que não deu certo. A boate funcionou por pouco tempo e ele passou a alugar o galpão para eventos.

Sentamos à mesa e eu apresentei a minha ideia. Eu organizaria shows todas as sextas e sábados, cobraria um valor de ingresso para pagar as minhas despesas e o restaurante ganharia com as vendas do bar. Eu não queria ganhar dinheiro, apenas fazer o que gostava. Ele aceitou a proposta e convidei Rivo, o dono do restaurante do meu condomínio, para ser parceiro no projeto. Formamos um time e uma grande amizade. Eu, Leonardo e Rivo não fazíamos a menor ideia do que começaríamos a construir.

O lugar estava horrível, sem estrutura e cheio de problemas. Então, convoquei meus amigos músicos para fazer um mutirão e melhorar o local. Começamos a trabalhar de forma absolutamente apaixonada. Minhas atitudes e entusiasmo motivavam as pessoas. Passei a ter um enorme poder de influência e persuasão. Consegui fazer com que todos ficassem estimulados e vislumbrassem um futuro junto comigo. Trabalhamos por amor e cada um ajudou da maneira que podia: uns pintaram paredes e colaram carpetes, outros montaram o som e doaram equipamentos. No final do mutirão, o local estava completamente mudado.

O restaurante enfrentava problemas financeiros e não tinha funcionários em número suficiente para atender a demanda de público quando começássemos a fazer os eventos. Leonardo se comprometeu apenas a disponibilizar a equipe da cozinha, o resto seria por nossa conta. Então, havia um grande problema para resolver: quem iria atender o público? Naquele momento,

não passava pela minha cabeça transformar aquilo em um negócio, não queria contratar funcionários e nem ter qualquer outra responsabilidade. Mas, minha vontade de realizar aquele sonho era grande, capaz de me fazer buscar soluções e superar qualquer desafio. Então, eu e Rivo saímos em campo com o objetivo de encontrar pessoas para trabalhar voluntariamente no atendimento. Aparentemente, esse seria um desafio impossível de ser superado. Quem iria topa trabalhar de graça?

Porém, nós estávamos apaixonados pelo nosso projeto e conseguíamos tocar o coração das pessoas. Conhecemos um grupo de jovens que topou trabalhar em troca da oportunidade de fazer festas no espaço. Era uma parceria em que todas as partes seriam beneficiadas e realizariam seus sonhos. Então, em 15 de janeiro de 2005, convidei os amigos, chamei uma banda para tocar junto com a minha e realizamos o primeiro evento do que viria a se tornar o *Rio Rock & Blues Club*.

Havia alguma coisa diferente naquilo que estávamos fazendo. Definitivamente, o diferencial não era o local físico, mas as pessoas que ali estavam trabalhando, de forma absolutamente apaixonada, e que transmitiam aos visitantes um clima todo especial. Fazíamos shows todos os finais de semana e convidávamos outros músicos para tocar junto. Os amigos foram chamando outros amigos para assistir, os músicos passaram a chamar outros músicos para tocar e o local foi se tornando *cult*. Era um lugar misterioso, em uma rua sem movimento, em um galpão supostamente abandonado, sem nenhum tipo de divulgação, a não ser o boca a boca, mas que estava ficando cada vez mais frequentado e admirado.

Eu fazia tudo com extrema dedicação e prazer. Utilizei minha agência para criar as peças de *marketing* e cuidava da

programação musical. Rivo cuidava do atendimento, da equipe e administrava a parte financeira. No final do ano o movimento de público já era intenso e foi necessário criar uma pessoa jurídica. Fundei uma associação e criei todo o conceito de um clube temático para quem aprecia boa música, quer se divertir e fazer amigos. Assim nasceu a associação *Rio Rock & Blues Club*.

A partir desse momento, a transformação na minha vida começou de fato. Lidar com música, com o público e proporcionar momentos felizes às pessoas me realizava de uma forma plena, como havia experimentado durante os meus 20 e poucos anos. Entretanto, eu não queria mais me tornar uma estrela do rock, eu havia encontrado outro caminho para realizar o meu sonho de trabalhar com música. Quando eu estava fora do palco, me realizava vendo outras bandas tocando, vendo os atendentes trabalhando de forma eficiente, a iluminação e a música criando um ambiente estimulante e as pessoas felizes. Ao final da noite, minha grande recompensa era ouvir as pessoas dizerem como aquele lugar era fantástico e como desfrutaram de momentos maravilhosos. Não me importava quanto dinheiro havia no caixa, se eu conseguisse pagar as contas, isso bastava.

Eu sabia administrar, sabia lidar com pessoas e essas habilidades foram as grandes recompensas que meus anos de sacrifício me deram. O meu tempo na estrada errada não tinha sido totalmente perdido, ele me deu a base para eu construir uma nova forma de viver a minha paixão e, assim, meu clube de música foi crescendo. Em dois anos, conquistamos 7 mil associados que frequentavam o local periodicamente e pagavam uma contribuição associativa. Com essa receita, contratamos novas atrações musicais, passamos a convidar artistas de nome, realizamos novas benfeitorias, investimos em equipamentos de

som e luz e melhoramos as instalações e serviços, mesmo sem ter nenhuma garantia que permaneceríamos ali. Então, o inevitável aconteceu: o restaurante que nos cedia o galpão estava afundado em dívidas e fechou as portas. Buscamos alternativas de todas as formas para continuar realizando os eventos no local, mas não havia como.

A decisão que mudou minha vida

Passamos dois anos naquele espaço e essa experiência havia sido especial, tinha dado um sopro de felicidade na minha vida e eu queria continuar fazendo aquilo. Então, passei a promover os eventos em um pequeno bar de um amigo em um *shopping*, também na Barra da Tijuca. O barzinho era de um amante do blues, conhecido como Carlinhos Blues. Eu e Rivo ficamos quase um ano fazendo shows nesse espaço, mas era frustrante. Os shows aconteciam no corredor do *shopping* e não havia como criar o clima envolvente que desejávamos. Precisávamos de um novo lugar e, nesse momento, eu teria que decidir mudar a forma de encarar o negócio. Não seria mais apenas um *hobby*, seria um empreendimento com grande perspectiva de lucros e resultados. Mas, eu ainda não estava certo se queria, de fato, profissionalizá-lo. Na minha cabeça, a agência era o meu trabalho e o clube, a minha diversão. Até que, um certo dia, enquanto andava pelo calçadão da praia, ouvi um grupo de amigos conversarem sobre um local que eles frequentavam e que, infelizmente, havia fechado. Um deles disse que havia conhecido sua namorada lá e gostaria de casar com ela no local. Esse lugar era o *Rio Rock & Blues Club*. Quando ouvi isso, eu estava prestes a tomar a decisão que mudaria minha vida.

...derença...
...funciona...
...fechou há dois meses. Em p...
...já começaram as obras para uma...
...na loja em Copacabana, onde ficava o...
...taurante Cabral 1 500. Uma das mais...
...ncortadas, a casa de Ipanema distribui-se...
...a e é a única que oferece drinques com...
...e hope. O kir Devassa, que leva creme de...
...assis, sai por R\$ 6,50. Marca registrada...
...do pé-limpo, o chope (300 mililitros) de...
...fabricação própria sai em cinco versões:...
...loura (R\$ 3,90), ruiva (R\$ 4,20), negra (R\$

Tem gringo no samba

Novo pub é um oásis de rock e blues na Lapa

A cadência bonita do samba foi decisiva para a revitalização da Lapa. Mas o gringo, que funciona como um espaço de encontro que avança os limites dos Arcos, abriga também outros gêneros musicais. Depois de se fixar na Barra, onde estão instalados um pub e uma loja de CDs e DVDs independentes, o Rio Rock & Blues passou a ocupar um amplo casarão com quatro ambientes, no Gamstono lugar onde funcionou o Negro Clube de música ao vivo que pagam mensalmente 35,00 (o preço para não me a atração). Na ocupa o terreno e o tr também oferece show sico, de quarta a sexta. Depois de garantir u balcão com tampu tulipa de chope Sol ou um copo de ca



O palco do Rio Rock & Blues, novo bar na Lapa: guitarras no templo do samba

20 | 5 DE OUTUBRO DE 2006 • O GLOBO • BARRA

Uma união abençoada pelo rock

Casa noturna da Barrinha é cenário para casamento musicado entre arquitetos hoje, a partir das 20h

Por Lauro Neto
 lauro.neto@oglobo.com.br

O Rio Rock & Blues, na Barra, será palco de um casamento um tanto quanto inusitado na noite de hoje. A partir das 20h, os arquitetos Octaviano Mesquita e Gabriela Nicolson entrarão não ao som da tradicional marcha nupcial, de "Mr. Jones", do Count Crows, e de "Rebel heart", do The Corrs.

Foi uma escolha inusitada. A princípio não iam casar, mas não podíamos passar em branco. Como a casa não aniversaria um amigo nosso e adoaria. Depois de um mês, dei a de fazer lá. Falei até o dia, e depois, virou uma festa — conta Gabriela. Para 150 convidados convidados animada pela banda Magformada por músicos locais, que tocará o melhor do rock and roll. Na chegada, que é espírito, haverá uma rápida bênção. A valsa será substituída por



Fotos de André Teixeira

OS NOIVOS Octaviano e Gabriela, à frente com guitarras como marca-d'água, foram feitos pelo designer Ricardo Monteiro.

Um lugar para os apaixonados por rock e blues

• Fãs de rock também têm lugar cativo. Inaugurado há um ano numa rua pouco movimentada, sem letreiro na porta, o Rock & Blues Club funciona em esquema de cooperativa: tudo que é arrecadado é usado para a manutenção e investimento no projeto. Quem paga R\$ 20 pode frequentar a casa por 30 dias. Idealizador do projeto, o publicitário Marcelo Reis conta



roll
 inqüentã

Muitas pessoas trabalham por recompensas que, às vezes, podem não chegar.

Se deu errado, que pelo menos você tenha trabalhado em algo que ama.



Capítulo 8

Dias de agonia

Era uma manhã de quinta-feira e eu caminhava pelo centro da cidade para apresentar um trabalho para um cliente. De repente, comecei a sentir uma dor na panturrilha, profunda e insistente. Fui até o cliente, apresentei o trabalho e voltei para a casa. A dor continuou e passei relaxantes musculares. Três dias depois, ela desapareceu completamente. Era fevereiro, época de carnaval, e finalmente, depois de tantos anos, eu e minha esposa decidimos tirar férias juntos. Íamos viajar para Porto de Galinhas, em Pernambuco. As passagens estavam compradas e o hotel reservado. Na noite anterior, fomos assistir ao desfile das escolas de samba na Sapucaí e eu não estava me sentindo muito bem, sentia um incômodo na base das costelas. No dia seguinte embarcamos para o Recife, rumo a Porto de Galinhas. No avião, a dor nas costelas aumentou e se estendeu até as costas. Em um determinado momento eu não conseguia mais me mover e nem respirar direito, qualquer movimento produzia uma dor insuportável.

Descemos no aeroporto e, com muita dificuldade, pegamos um táxi rumo ao destino final. A viagem foi terrível e o balanço do carro aumentava a dor. Pedi que o motorista me levasse a um hospital, mas estávamos em Porto de Galinhas e não havia nada além de um posto médico precário. No local, fui atendido por

uma médica que me receitou analgésico e remédio para digestão. Fomos para o hotel, mas a dor não passou. No dia seguinte decidimos voltar, pegamos um novo taxi e fomos até Recife. Chegando na cidade, fui direto para a emergência de um bom hospital, tirei radiografias do pulmão, tomei analgésicos na veia, mais remédios para digestão e consegui dormir um pouco. Não havia um diagnóstico, os médicos disseram que poderia ser o princípio de uma pneumonia.

Enquanto eu era atendido, minha esposa conseguiu um voo para retornarmos ao Rio. Fomos para o aeroporto e, chegando lá, enquanto esperávamos o horário do embarque, comecei a tossir muito até escarrar sangue. Tive um choque, mas tentei manter a calma, apostando que poderia ser realmente um sintoma da pneumonia. Embarcamos e voltamos para o Rio. Foi uma viagem de sofrimento e tensão. Chegando na cidade, liguei para meus médicos. A dor não passava e eu continuava escarrando sangue. Entrei em contato com um grande amigo, companheiro de música, que viria a se tornar meu sócio mais tarde. Ele também era médico e recomendou que eu fosse até a emergência do hospital Barra D'Or, onde conhecia a chefe do plantão.

Cheguei no hospital e fui atendido por um jovem com aparência de recém-formado. Ele perguntou os meus sintomas e, entre as perguntas que fez, se eu havia sentido alguma dor na perna nos últimos dias. Eu disse que sim e ele me mandou fazer uma bateria de exames, inclusive uma tomografia do pulmão e uma ultrassonografia da perna. Horas depois, o resultado chegou. Ele disse que eu tinha tido uma trombose com embolia pulmonar e corria risco de vida. Tiraram minhas roupas, entregaram meus pertences para minha esposa, me colocaram em uma maca e me levaram para o CTI. No caminho eu brinquei com ela dizendo:

“Finalmente vou tirar férias!”. Entre meus pertences, ela recebeu minha aliança. Nessa hora, ela sentiu que, talvez, eu não voltasse.

Uma segunda chance

Na solidão do CTI eu chorei. Pouco mais de 10 anos depois de estabelecer que, aos 40, estaria rico e feliz, eu estava internado em um hospital correndo risco de vida por não ter cuidado da minha saúde, por ter exigido demais do meu corpo e ter abandonado o que realmente me fazia feliz. Comecei a refletir sobre o que havia feito comigo mesmo, sobre as escolhas que tinha tomado e sobre o que faria dali para frente se escapasse daquela situação com vida.

Quando passei pelo saguão, deitado na maca rumo ao CTI, encontrei meus amigos do meu clube de música. Não havia clientes e nem funcionários da minha agência. Aquelas eram, de verdade, as pessoas que gostavam de mim. Vi a face da preocupação em seu semblantes. Tentei descontraí-los brincando que ia acabar de curtir minhas férias naquele hotel de luxo e desapareci no elevador. Não sei se descí ou subi até a Unidade de Tratamento Intensivo, onde fiquei por três dias que pareceram uma eternidade. Havia o risco de outros trombos se soltarem e, talvez, eu não tivesse tanta sorte quanto tive no primeiro, que bloqueou apenas uma pequena parte do pulmão.

Fizeram muitos exames para detectar se eu tinha algum problema sanguíneo ou alguma predisposição genética que justificasse a trombose. Nada foi detectado. Aparentemente, meu problema tinha sido causado unicamente pelo excesso de horas sentado na cadeira em frente ao computador, trabalhando sob

profundo estresse, me forçando a fazer o que não estava com vontade, pensando apenas em cumprir minha meta para ser feliz depois. Que ironia! Eu não tinha conseguido o que queria e poderia nunca mais conseguir. Poderia encerrar minha existência ali, naquele hospital.

Durante três dias, sozinho, eu passei o filme da minha vida em minha cabeça. Relembrei tudo, desde a primeira vez que sentei no piano e comecei a tocar, a minha primeira apresentação na escola vestido de músico *hippie* e as festinhas da minha adolescência com o violão embaixo do braço. Então, eu senti o que verdadeiramente era importante para mim: a brisa do mar, o movimento das ondas, o calor do sol, o carinho dos amigos, a liberdade que eu sempre amei e, principalmente, a música. Lembrei-me dos shows que fiz nos anos 80, com a minha primeira banda, e do prazer que eu sentia naquilo. Olhei para os 10 últimos anos e vi que eu não tinha vivido de verdade, percebi que eu tinha entrado em uma estrada rumo a um objetivo que poderia nunca chegar, e o principal, percebi que aquela não era a estrada onde eu desejava estar.

Se era para dar errado, eu teria preferido errar na estrada que verdadeiramente me dava prazer. Se era para fracassar, eu preferia ter fracassado tentando construir a pirâmide que me apaixonava. Se era para encerrar minha vida naquele hospital, que pelo menos eu tivesse sido feliz, fazendo o que eu gostava.

Todos os dias os médicos tiravam amostras do meu sangue para fazer novos exames e ver se as taxas de coagulação já estavam em um patamar de segurança. Para eu receber alta do CTI, minha coagulação deveria ser reduzida para não haver riscos de formação de novos trombos. Finalmente, três dias

depois, eu não corria mais risco de vida e fui liberado para o quarto.

Sim, eu havia escapado. Fiquei ainda uma semana internado, tempo em que pude refletir ainda mais sobre o que faria daquele momento em diante, quando botasse novamente o pé na rua e voltasse para a rotina do trabalho. Como me comportaria e quais decisões tomaria? A primeira decisão foi jamais esquecer de cuidar da minha saúde e jamais abrir mão das horas de lazer, por mais importante que o trabalho pudesse ser. A segunda decisão foi que eu dedicaria mais tempo para as atividades que realmente me davam prazer. E, finalmente, a terceira seria que eu, definitivamente, abandonaria a minha meta de riqueza, pois eu já estava começando a perceber que minha felicidade dependia de coisas muito mais importantes do que somente bens materiais.

Quando saí do hospital, a primeira coisa que fiz foi assistir um show. Era uma loucura completa e eu contei com a colaboração dos meus amigos. Roger Waters, o fundador do *Pink Floyd*, ia fazer uma apresentação na Praça da Apoteose. Era a primeira vez que um integrante da banda vinha ao Brasil. Escutar ao vivo músicas que marcaram a minha adolescência como "*Time*", "*Another Brick in the Wall*" e "*Wish You Were Here*", era algo imperdível. A loucura estava no fato de eu estar altamente anticoagulado. Qualquer lesão no meu corpo poderia provocar uma hemorragia irreversível. Como estar nesse estado em uma praça com milhares de pessoas em volta se acotovelando para ver o show do seu ídolo? A solução foi criar um cordão de isolamento para eu ficar no meio. Jamais esquecerei isso: no meio da multidão havia um espaço circular vazio com uns três metros de diâmetro e, no centro, estava eu, sentado no chão,

isolado e protegido pelos meus amigos. Quem era esse cara? As pessoas em volta deveriam estar se questionando. Eu era apenas um amante da música, com grandes amigos que gostavam de mim, fazendo tudo e correndo riscos para assistir ao show de um dos meus artistas preferidos.

Um *workaholic*

Quando voltei para casa, passei a nadar e correr todos os dias, ir até a praia e fazer ginástica. Estabeleci um horário sagrado para cuidar de mim: a primeira parte da manhã. Meu expediente começaria apenas por volta das 11 horas. Em um primeiro momento, achei que isso representaria a perda de negócios, mas, alguns meses depois, nada havia mudado. Minha agência continuava faturando igual e eu continuava atendendo os mesmos clientes. Como explicar isso? Eu estava trabalhando menos três ou quatro horas por dia sem prejudicar meu negócio! A resposta é que eu estava administrando melhor meu tempo, priorizando tarefas e delegando funções. Percebi que era um *workaholic* e isso é uma doença.

Em minha pesquisa conheci muitos *workaholics*, mas um, em especial, me chamou a atenção porque o desfecho da sua história foi muito parecido com o da minha. Vou chamá-lo de Carlos e ele também era um obstinado em realizar seu sonho de riqueza. Ele tinha uma agência de viagens e não media esforços para fazê-la crescer. Trabalhava sem hora para chegar em casa, dedicando muito pouco tempo para sua família. Ele tinha um sócio com quem dividia seu sonho profissional. Esse sócio também tinha família, mas não abria mão dos seus finais de semana, das suas horas de lazer com os filhos e de cuidar da

saúde praticando exercícios físicos regularmente. A hora da academia era sagrada para ele. Carlos contou que podia haver uma pilha de trabalho para fazer e clientes para atender, mas que seu sócio saía do escritório pontualmente, todos os dias, para sua ginástica.

A sociedade ficou ameaçada quando alguns negócios não se concretizaram e Carlos culpou a falta de dedicação do seu sócio. Então, pouco tempo depois, ele foi bombardeado com a notícia de que sua filha estava com leucemia. Foram meses e meses de tratamento e Carlos foi forçado a reduzir seu tempo de trabalho, fechar suas gavetas, parar o que estivesse fazendo e sair do escritório no horário. Seu trabalho teve que se tornar mais objetivo e ele aprendeu a administrar seu tempo de forma mais racional.

A história teve um final duplamente feliz. Após um tratamento bem-sucedido, sua filha ficou curada e a agência continuou crescendo, mesmo sem aquela dedicação integral. Carlos descobriu que o sucesso não dependia da quantidade de trabalho que ele realizava, mas da qualidade do trabalho. Ele percebeu quanto tempo perdia em tarefas que não eram prioritárias, aprendeu a organizar a sua agenda e reservar um espaço indispensável para sua família e vida particular.

A minha história e a história de Carlos mostram que ser obstinado por um projeto não significa abrir mão de outras coisas importantes na vida. Trabalhar compulsivamente pode ser uma doença que precisa ser identificada e tratada. Trabalhar demais, definitivamente, não é condição para o sucesso. Os resultados dependem muito mais da eficiência do trabalho. Esse foi um ensinamento fundamental para eu começar a dar a minha grande virada. A hora havia chegado.

*A natureza está em constante
transformação e nós não fugimos
à regra.*

*Nunca é tarde para encerrar um
ciclo e começar um novo.*



Capítulo 9

Uma nova vida

Quando saí daquele hospital, eu havia nascido novamente. A diferença é que eu trouxe para essa nova vida uma bagagem considerável de experiência e conhecimento. Agora, eu estava preparado para tomar a decisão que considero a mais importante que eu tomei até hoje: eu mudaria a minha relação com o trabalho. Daquele dia em diante, decidi que eu faria o que gostava e encararia o dinheiro como uma consequência, não como o objetivo principal. Percebi como é importante aproveitar cada dia vivido. A vida é uma dádiva e nosso dever é procurar vivê-la da melhor forma possível. Naquele dia, eu decidi que me preocuparia com meu bem-estar, com o bem-estar dos outros e que procuraria ajudar as pessoas a serem felizes também, porque isso me fazia feliz.

Decidi encarar o desafio de transformar o *Rio Rock & Blues Club* em um grande empreendimento e me dedicar a esse trabalho integralmente. Percebi que o negócio tinha uma força incrível porque era feito com extrema dedicação e apaixonava outras pessoas também. Então, me preparei para enfrentar todas as dificuldades e arriscar. Busquei inspiração em alguém que tivesse feito a mesma coisa que eu pretendia fazer. Encontrei uma pessoa que estava do meu lado há muito tempo. Era de carne e osso. Não era um personagem que conheci por meio de

alguma biografia. Era um grande amigo que acompanhava minha trajetória há 20 anos. O nome dele era Adriano Gama.

A consciência do que é importante

Foi muito curioso como mudei minhas referências. Enquanto lutava para ser o que não era, meus inspiradores foram grandes empresários, como Antônio Ermírio de Moraes, Abílio Diniz, Jorge Paulo Lemann, Henry Ford, entre outros. Em minha nova vida, passei a admirar personalidades como Ivo Pitanguy e Oscar Niemeyer, gente que amava o seu trabalho acima de qualquer coisa e se tornaram referências. Havia empresários também, desde que tudo o que construíram tivesse um significado maior e uma proposta de contribuição para a felicidade das pessoas e para transformar o mundo em um lugar melhor. Em minha lista passaram a figurar nomes como Walt Disney e Steve Jobs. Mas, a personalidade que iria me dar o maior exemplo, eu conheci de perto.

Adriano Gama era o dono de um estúdio de música bastante antigo no Rio de Janeiro, um lugar onde as bandas da cena *underground* da cidade ensaiavam. Foi nesse estúdio que fiz meus ensaios com minha primeira banda na época da faculdade. Ele era um músico espetacular e cultivava uma admiração por mim, achava que eu tinha um enorme talento e me incentivava a fazer o que tinha feito. Adriano tinha largado a ideia de uma carreira como executivo para trabalhar exclusivamente com música. Ele era extremamente satisfeito com sua decisão, estava sempre de alto astral e de bem com a vida. Encontrar Adriano era ter a certeza de passar momentos agradáveis e aprender como, às vezes, é muito simples ser feliz.

Sua renda era proveniente do estúdio. Ele ganhava o suficiente para suprir suas necessidades e não queria nada além de ter dinheiro para fazer o que gostava. Com Adriano, aprendi como é possível ser feliz com pouco. Com ele viajei sem dinheiro para lugares simples, sem nenhuma estrutura, rodeado apenas de boas companhias e dos nossos violões. Foram viagens inesquecíveis.

Mantivemos contato, mesmo quando eu abandonei a música e passei a me concentrar no meu projeto de riqueza. Quando abri minha agência, ele estava lá, como um dos grandes amigos que convidei para aquele momento. Ele torcia por mim, mas eu sentia que ele olhava para aquilo tudo com a certeza de que não era o meu lugar. Quando ganhei minha guitarra, fui até sua casa para mostrar e tocamos a noite inteira até os vizinhos não suportarem mais, baterem na porta e pedirem pelo amor de Deus para pararmos.

Adriano adoeceu pouco tempo depois da abertura do *Rio Rock & Blues Club*. Ele me ajudou a construir o início de tudo, estava lá entre os amigos que colaram carpetes, pintaram paredes e montaram equipamentos. Já doente, sabendo que não teria muito tempo de vida, ele se casou no palco do clube com a mulher que era sua parceira e com quem vivia há anos. Foi uma cerimônia emocionante.

Adriano morreu e seu enterro reuniu o maior número de pessoas que eu já tinha visto. Percebi que para você marcar a sua passagem pela Terra não é preciso deixar um legado material. Adriano deixou um legado espiritual. Era uma pessoa que preenchia o ambiente onde estava com seus quase dois metros de altura e sua alegria de viver. Mesmo quem o viu apenas algumas vezes, guardou a imagem daquele gigante gentil. Tenho outros

amigos que o viram apenas uma ou duas vezes, mas lembram perfeitamente como esses encontros foram marcantes.

Eu estava decidido a fazer o que Adriano tinha feito, queria apenas ter o que precisava para viver, suprir minhas necessidades e fazer o que gostava, mas precisava preparar essa mudança. Eu nunca fui uma pessoa de planejar ações de longo prazo. Como era bastante ansioso, eu só conseguia pensar, no máximo, até o amanhã. As experiências que eu tive e a maturidade que adquiri me ajudaram a aceitar o tempo e me ensinaram a planejar. Na minha nova vida, eu trabalharia com o tempo a meu favor. Quando aos 30, eu estipulei minha meta de conquistas em um prazo de 10 anos, eu não planejei como chegar lá, apenas defini um objetivo e fui à luta. O tempo era meu maior inimigo. Marcava dezenas de compromissos e atividades simultaneamente. Acreditava que cada segundo perdido representava menos tempo para eu realizar meu plano. Vivia correndo, mas nunca conseguia chegar a tempo de nada.

Na minha nova vida, eu passei a organizar meu dia e minhas tarefas. Isso é uma coisa tão óbvia, mas nem sempre conseguimos enxergar o óbvio. Quando olhamos apenas para o futuro, deixamos de ver o que está bem na nossa frente, às vezes, do nosso lado. Dividi meu dia em duas partes: na primeira, cuidaria dos negócios da agência, visando mantê-los até eu poder definitivamente parar de exercer essa atividade, na segunda, cuidaria do meu novo empreendimento, procurando fazê-lo crescer, até que ele pudesse me garantir a mesma condição financeira que a agência me proporcionava.

Não foi fácil como eu imaginava, os desafios foram gigantescos, mas havia uma grande diferença agora: eu estava apaixonado pelo que fazia e estava remando a favor da maré! Eu não

precisava mais me automotivar toda segunda-feira quando acordava. Eu estava começando a me envolver com a atividade que me dava enorme prazer e ansiava para chegar a hora de trabalhar. Os desafios foram surgindo e eu os fui superando, um a um, graças à força interior que a gente cria quando está apaixonado.

Montei um plano de negócios e fui à luta atrás de investidores para viabilizar a empreitada. Foi fácil conseguir sócios, muita gente compartilhava o meu sonho, admirava o trabalho que eu fazia e desejava participar do empreendimento. Em 2008, depois de muitas idas e vindas, consegui alugar um casarão na Lapa, o famoso bairro boêmio do Rio de Janeiro. Em dezembro daquele mesmo ano, abrimos as portas oficialmente do *Rio Rock & Blues Club*, dessa vez, não apenas como uma associação sem fins lucrativos para proporcionar prazer e alegria, mas como uma empresa constituída.

O imóvel era perfeito, tinha quatro andares e comportaria tudo que eu planejava. Eu queria algo grandioso, que o local se tornasse um centro cultural dedicado a preservar a cultura da música, mais especificamente, do rock. Ali haveria um museu, um bar, espaço para shows e eventos e uma escola para formar novos profissionais para o mercado da música e do entretenimento. Não seria fácil, mas eu não tinha mais pressa. Não defini prazos e nem metas. Eu apenas entrei na estrada e comecei a curtir-la, trabalhando com enorme prazer e fazendo todas as coisas conforme o tempo permitia. O tempo agora não era mais meu inimigo, era meu aliado.

A negociação para pegar o ponto e alugar o imóvel foi complicada, os locatários estavam devendo meses de aluguel e o proprietário do imóvel havia movido uma ação de despejo. Nesse

meio tempo, eu apareci e acabei fazendo o papel de conciliador. Minha vontade em ficar com aquele casarão era tão grande que ajudei as partes a se entenderem. Finalmente, assinei o contrato de locação e peguei as chaves. Mas, o desafio maior ainda estava por vir: após alugar o imóvel descobri que a legislação não permitia a atividade de música ao vivo naquele local. Foi um duro golpe, mas eu não desisti. Eu estava apaixonado e obstinado pelo meu sonho.

A força da paixão

Todos os dias, temos provas do que somos capazes de fazer quando estamos apaixonados. Lembro-me de um episódio quando tinha vinte e poucos anos e começava a trabalhar com publicidade. Nessa época, eu havia conhecido uma garota e estava profundamente apaixonado por ela. Certa vez, marcamos de nos encontrar após o trabalho. Era final da tarde e saí da agência mais cedo para ir ao seu encontro.

Estava na Avenida Presidente Vargas, no centro do Rio de Janeiro, dirigindo meu carro, um velho Chevette cinza que havia comprado com meu primeiro salário como diretor de arte, quando nuvens negras começaram a cobrir o céu. Fiquei preocupado com a iminência do que estava por acontecer. Era verão, época das chuvas fortes que costumam alagar a cidade, e como eu temia, uma tempestade começou a cair. As ruas ficaram inundadas rapidamente e qualquer pessoa com bom senso buscaria um local seguro para parar o carro e aguardar a chuva passar. Mas, eu estava apaixonado e não tomei decisões com base na razão. Queria ver minha namorada a qualquer custo e decidi seguir em frente. O grande desafio seria atravessar a Praça da

Bandeira, o pior ponto de alagamento na cidade do Rio de Janeiro.

Ao chegar lá, o nível da água já estava bastante alto e o motor do carro morreu. Sem desistir do meu objetivo, com água pelos joelhos, empurrei o carro debaixo de chuva até um posto de gasolina. Foi um esforço gigantesco que jamais imaginei ser capaz de fazer. Embaixo da cobertura do posto, abri a tampa do motor, sequei as velas e coloquei o carro para funcionar novamente. Cheguei na casa da minha namorada duas horas depois, encharcado, fisicamente esgotado, mas feliz! Se não fosse pela vontade de vê-la, eu não teria feito o que fiz, não teria colocado meu carro em risco, não teria energia para empurrá-lo debaixo de chuva e colocá-lo de novo para funcionar.

Quando fui pedir a opinião de um consultor sobre a situação do imóvel que havia alugado para montar o *Rio Rock & Blues Club*, ele aconselhou: “*Desista*”. Em sã consciência, eu teria desistido. Além da legislação não permitir o que eu pretendia fazer, o casarão estava cheio de problemas e legalizá-lo seria um tarefa digna de Hércules. Mas, eu estava apaixonado e, da mesma forma que tirei energias não sei de onde para seguir em frente, superar o dilúvio e conseguir encontrar minha namorada naquele fim de tarde quase 20 anos antes, eu também decidi seguir em frente com meu empreendimento.

Montamos a empresa com quatro sócios, um deles era Cláudio Barbosa, aquele amigo médico que ajudou a salvar a minha vida quando me recomendou ir ao Hospital Barra D’Or e procurar pelo chefe de plantão que ele conhecia. Ele também era um amante da música, um sonhador disposto a resgatar seus sonhos, e hoje é meu grande parceiro. Diferente do início no galpão do restaurante na Barra, quando toda parte de bar e

cozinha ficava por conta do proprietário do local, nós teríamos que fazer tudo dessa vez. Então, incluí mais dois amigos na sociedade, um seria o gerente operacional do negócio, pois tinha conhecimento nesse ramo, o outro seria investidor e aportaria os recursos que faltavam para a montagem inicial do empreendimento. Eu ficaria com a gerência artística, que era meu objetivo. Meu sonho não era ser dono de bar. Queria focar o meu trabalho na minha verdadeira paixão: a música.

A sociedade era aparentemente perfeita, mas meu relacionamento de trabalho com o gerente operacional não deu certo, tínhamos ideias e comportamentos extremamente diferentes. Oito meses depois de alugar o imóvel, mais uma vez, me vi diante de uma decisão importante: o gerente operacional e o sócio investidor decidiram sair da sociedade e, para continuar meu sonho, eu teria que comprar a parte deles. Eu ficaria com 90% do negócio e meu parceiro Cláudio Barbosa com 10%. Era um investimento alto que consumiria praticamente todas as reservas que eu tinha na época. Daquele momento em diante, se algo desse errado, eu estaria falido. Pensei por muitos dias, me lembrei das escolhas erradas que havia tomado na vida por medo de investir no que realmente queria, lembrei-me das minhas decisões após sair do hospital e fui à luta, raspei minhas reservas e comprei praticamente todo o negócio.

Mesmo com 90% da sociedade eu não estava sozinho, meus amigos estavam comigo, torcendo e me ajudando. O *Rio Rock & Blues Club* também fazia parte da vida deles, era um sonho que eles gostariam de ver realizado, era um lugar que também mudaria suas vidas, e eles ajudaram em tudo. Começamos a montar o casarão aos poucos. O espaço era muito grande e tinha muita obra para fazer. Fomos construindo tudo lentamente. A cada ano

implantávamos melhorias: abrimos o primeiro andar, depois o segundo, reformamos a cozinha, criamos a escola, inauguramos o museu e conseguimos a autorização da prefeitura para oferecer música ao vivo no local.

Foram sete anos de muito trabalho e muitos desafios até obter o alvará definitivo. Superamos um a um. Nesse meio tempo, fui fazendo a minha transição, deixando lentamente o trabalho na agência para me dedicar exclusivamente ao meu novo empreendimento. Fui seguindo meu coração e utilizando a razão para pensar as soluções para os problemas. Ao final de cinco anos, eu havia descascado toda a minha cobertura de barro e libertado o meu Buda de Ouro novamente. Era o fim de um ciclo e início de um novo. Era o Marcelo Reis que eu sempre quis ser, o mesmo que subiu ao palco aos cinco anos de idade vestido de músico *hippie*. Aos 40, ele havia entrado em cena novamente para nunca mais sair.

*Quando trabalhamos motivados
pela paixão, somos capazes de
superar desafios e ir além do que
pensávamos ser o nosso limite.*

*A paixão é a mais poderosa forma
de motivação que existe.*



Capítulo 10

Necessidades e desejos

Hoje, consigo entender porque fui capaz de realizar meu sonho. Sei as razões que me levaram a obter muito mais sucesso em cinco anos fazendo o que eu gostava, do que em 20 remando contra a maré. Criei o *Instituto Imprendere* e estudei o assunto a fundo. Vou compartilhar nesse capítulo um pouco do que aprendi para ajudar você a entender por que é tão importante trabalhar no que a gente gosta e por que isso pode transformar a sua vida.

Pesquisei muito sobre trabalho e felicidade. De tudo que vi e li, o que mais me impressionou foi o conceito de *Flow* (Fluxo) desenvolvido pelo psicólogo húngaro Mihaly Csikszentmihalyi. Ele realizou uma pesquisa para entender por que algumas pessoas ficam totalmente absorvidas e concentradas realizando uma determinada tarefa. Ele identificou que isso acontece quando realizamos uma atividade que nos dá enorme prazer e batizou esse envolvimento pleno de “*Estado de Fluxo*”. A pesquisa incluiu artistas, esportistas, cientistas, e um dos pesquisados chamou minha atenção, era um músico que declarava simplesmente sair do mundo real quando tocava seu instrumento. Fiquei impressionado com o depoimento dele porque isso é exatamente o que eu sinto. Tudo parece perder importância quando toco minha guitarra, minha mente fica completamente

absorvida pela música e eu simplesmente deixo fluir até atingir um estado de êxtase.

Estudei também os princípios da motivação e criei uma metodologia própria para autoconhecimento e desenvolvimento profissional. Começo admitindo que os seres humanos estão sujeitos às mesmas leis da física que regem todos os corpos no universo, eles respeitam os princípios da inércia e, para tirá-los de um estado de repouso, é preciso que alguma força atue sobre eles. Nosso estado natural é permanecer na chamada *Zona de Conforto* até que algum estímulo nos obrigue a sair dela. O que nos coloca em movimento é a motivação e o que nos faz parar é o oposto, a desmotivação!

Não existem sensações mais poderosas que nos obrigam a sair da *Zona de Conforto* do que a dor e o prazer. Arrisco afirmar que somos comandados por essas duas únicas sensações. Tudo que fazemos, seja racionalmente ou instintivamente, tem como objetivo evitar a dor e buscar o prazer. Saímos da *Zona de Conforto* para fugir da dor, da mesma forma que também saímos dela para buscar o prazer. É isso que determina nosso comportamento. A dor e o prazer são as sensações que definem nossas necessidades, desejos e geram motivação.

As necessidades estão ligadas ao plano físico. Quando você tem fome, tem uma necessidade física que precisa ser atendida e, para manter sua sobrevivência, você será capaz de tudo para conseguir comida. Com as necessidades não se brinca. Para suprir suas necessidades e garantir a sobrevivência, um ser humano é capaz de roubar e até matar. Necessidades são imprescindíveis, elas produzem pressão e levam um ser humano a trabalhar além dos seus limites. Mas, as consequências podem

ser graves. Em longo prazo, quem trabalha sob pressão constante compromete sua saúde física e psicológica.

Os desejos estão ligados ao plano mental, é uma matéria prima que potencializa a motivação, como se fosse uma pilha poderosa capaz de nos manter ativos por muito tempo. O indivíduo não está motivado pela obrigação de suprir uma necessidade, ele está motivado porque sente prazer naquilo que está fazendo, e quando alguma coisa nos dá muito prazer, nos apaixonamos por ela. Quando trabalhamos motivados pela paixão, também somos capazes de ir além dos nossos limites, mas as consequências são diferentes. A paixão produz em nosso organismo um estresse positivo.

A mente humana é muito complexa e separa as necessidades e desejos com uma linha muito tênue. Por isso, às vezes, é tão difícil descobrir o que realmente nos apaixona. Beber água, por exemplo, é uma necessidade, tomar um bom vinho é um desejo. Matar a fome é uma necessidade, jantar em um bom restaurante é um desejo. Fazer sexo é uma necessidade, casar com a pessoa amada é um desejo. Tirar férias é uma necessidade, fazer a viagem dos sonhos é um desejo. Receber o salário no início do mês é uma necessidade, ganhar um aumento é um desejo.

Para dificultar ainda mais o entendimento, necessidades e desejos não são classificações estáticas. Um desejo pode se tornar uma necessidade dependendo da situação. O nascimento de um filho, por exemplo, representa um custo a mais para um casal. Nesse momento, um aumento salarial deixa de ser um desejo e passa a ser uma necessidade. Se o empregador não atendê-la, fatalmente o trabalhador enfrentará problemas financeiros que afetarão seu desempenho. Ter um automóvel

para trabalhar com ar condicionado pode ser um desejo de um vendedor que trabalha na rua e visita clientes o dia todo. Esse desejo pode se tornar uma necessidade se esse vendedor estiver no verão do Rio de Janeiro com termômetros batendo 40 graus.

Então, quando o assunto é necessidades, precisamos garantir que sejam atendidas. Ninguém deve ser privado de suas necessidades por mais simples que pareçam. Falar ao telefone durante o expediente pode ser uma necessidade, parar para fazer um lanche, também. As consequências de privar um indivíduo de realizar suas necessidades por longo prazo podem ser devastadoras e irrecuperáveis. Podemos carregar um trauma para a vida toda quando sofremos um castigo físico ou psicológico. Obrigar uma criança a estudar ameaçando-a é uma prática condenada por todos os educadores. A educação moderna procura motivar as crianças com o outro lado da moeda: as recompensas.

Todas as pessoas que trabalharam no *Rio Rock & Blues Club* guardam grandes recordações e experiências do tempo em que fizeram parte da equipe da casa. Tenho orgulho de ver quantos evoluíram profissionalmente. Nunca precisei utilizar qualquer tipo de ameaça como forma de fazê-los produzir, sempre passei tranquilidade e confiança para a equipe. Muitas vezes é necessário cobrar resultados e mostrar firmeza, mas isso não significa punir. Quando o assunto é motivação, sou radicalmente contra as punições. Os resultados da pesquisa que realizei mostraram que a pior estratégia possível de motivação é a que inclui alguma punição para os que não conseguem atingir a meta. Essa prática expõe a empresa a sérios riscos trabalhistas e cria péssimos ambientes de trabalho. São recorrentes as ações por danos morais oriundas de punições aplicadas a equipes que não

conseguiram atingir metas, especialmente aquelas punições que atingem o indivíduo em sua autoestima.

Para reforçar minha tese, faço referência a um famoso *reality show* da televisão que premiava a equipe vencedora e punia a perdedora com a demissão de um de seus integrantes. O programa conquistava audiência em função dos muitos conflitos que a competição gerava entre os participantes, por isso era um sucesso. Mas, na vida corporativa real, os conflitos internos são a pior coisa que pode acontecer a uma equipe. Pessoas querendo puxar o tapete das outras geram ambientes de profunda desconfiança e muito pouco estimulantes. Na vida corporativa real basta premiar a equipe vencedora. A demissão deve ser a consequência de uma falta grave, de avaliações negativas e comportamentos inadequados. Nessa hora entra em cena o importante papel social que as empresas devem exercer no desenvolvimento de pessoas.

Um processo de demissão pode ser crucial na vida profissional de um indivíduo, pode levá-lo tanto à depressão quanto servir como estímulo à superação. Jack Welch, o famoso executivo que presidiu a *General Electric* por 20 anos, disse “*Até um pé na bunda pode te colocar pra frente*”, e ele estava absolutamente certo. A forma como as empresas demitem seus colaboradores é extremamente importante. Ser transparente nas razões e passar informações que possam auxiliar o profissional a corrigir erros, buscar desenvolver suas competências e ajudá-lo a enxergar quais comportamentos deve mudar para que possa ser bem sucedido nos próximos empregos é um dever do gestor de pessoas. Uma demissão será sempre traumática, mas dessa forma, o gestor mostrará sua preocupação com o ser humano e exercerá seu papel de facilitador do desenvolvimento.

Para descobrir sua essência, você precisa, primeiro, identificar quais são suas necessidades e procurar supri-las. Fazendo isso, você estará começando a dar os primeiros passos rumo à felicidade. O que é necessidade para você? Trabalhar em uma cadeira confortável, ou você precisa de movimento, trabalhando sem ter um lugar fixo? Você precisa ter pessoas à sua volta para conversar e trocar ideias, ou trabalhar sozinho para poder se concentrar? Cada indivíduo tem necessidades diferentes e identificar quais são as suas é o princípio de tudo.

É de se admirar a quantidade de empresas que não atendem às necessidades básicas dos seus colaboradores, que possuem escritórios sem condições mínimas de trabalho, que não conservam suas instalações, que não oferecem banheiros limpos e decentes para uso e, mesmo assim, esperam que seus profissionais se dediquem e apresentem resultados, trabalhando em ambientes insalubres e sem recursos.

As recompensas são fundamentais e as melhores são aquelas que mexem com as emoções. Ganhar a viagem dos seus sonhos pode ter um efeito mais poderoso do que um aumento salarial. Para exemplificar, imagine um marido dando um cheque para a esposa no dia do aniversário de casamento. É uma atitude fria, impessoal. Agora imagine essa mesma esposa recebendo um belíssimo anel de brilhantes em um jantar à luz de velas no restaurante que ela mais gosta. O valor do cheque era rigorosamente o mesmo do anel. Mas, qual presente tocou mais o coração dela? Sem dúvida o anel porque, além do valor, representa uma prova de amor e carinho. Para motivar alguém é preciso tocar seu coração. Nem sempre o dinheiro será a melhor recompensa para motivação. Talvez, seja a recompensa mais óbvia, mais impessoal, por isso, muitas vezes, não é eficiente.

O grande desafio dos empregadores hoje é fazer com que seus funcionários sejam verdadeiramente comprometidos, que sintam amor e admiração pela empresa e pelos seus líderes. O melhor caminho para se atingir isso é criar desejos. Foi assim que comecei meu empreendimento e recrutei minha primeira equipe de trabalho ao oferecer como recompensa a possibilidade de realizar um sonho comum. Eu vi, na prática, como em determinadas circunstâncias e em um determinado universo de pessoas, isso pode ser mais motivador do que oferecer um bom salário. Para começar a criar ações eficazes de motivação, procurei conhecer profundamente a minha equipe. Conversei com todos, perguntei sobre suas vidas, sobre seus sonhos e identifiquei o que era necessidade e desejo para cada um. Comecei suprimindo as necessidades para preparar o ambiente, depois, ofereci a perspectiva de realização dos desejos como estratégia. Os resultados foram surpreendentes. Eles chegavam no trabalho sempre com um sorriso nos lábios e a disposição renovada.

Os programas de motivação precisam apenas de recompensas para darem certo. A punição para quem não atinge as metas é não receber a recompensa. Isso basta! O bom gestor é aquele que ao mesmo tempo é amigo, orientador e firme quando é preciso para não deixar o barco sair do rumo, sabe como manter a equipe motivada por longo tempo, conhece a fundo as características comportamentais de seus colaboradores e consegue, a partir desse conhecimento, comprometê-los com o trabalho e fazer com que se dediquem apaixonadamente pelo que estão fazendo. Esses gestores são os que fazem a diferença nas organizações atualmente. São eles que trazem os resultados e criam ambientes motivadores.

Lidando com as frustrações

Um projeto pode sofrer percalços durante sua realização. Por isso, precisamos aprender a lidar com outra característica da personalidade humana: a forma como encaramos as frustrações. As frustrações são fatores que atrapalham o processo motivacional. São como impurezas que reduzem a eficácia do combustível, ficam em nossas mentes por longo tempo e exercem o papel de um sinal vermelho, como se nos avisassem: “*Não vá em frente. Você já tentou isso antes e se machucou*”. As frustrações provocam desânimo e abalam nossa autoestima.

Existe o desânimo temporal e o patológico. Todos nós temos momentos de altos e baixos na vida, situações de alegria e de profunda tristeza. Os momentos de baixa geram o que eu chamo de desânimo temporal, uma frustração passageira. Todos os seres humanos passam por isso. As causas podem ser uma decepção, uma falha na execução do trabalho ou algo que abale a nossa autoestima. O desânimo temporal vem e passa. Um estímulo, uma palavra amiga ou um elogio são capazes de levantar o moral de uma pessoa nessa situação e fazer com que o sinal vermelho fique verde para ela poder seguir em frente.

O desânimo patológico é aquele que te acompanha sempre, que fica instalado na sua alma. Você passa a ver tudo pelo lado negativo, acredita que está em um buraco e que a saída é impossível de ser alcançada. O problema é querer que todos em volta encarem a vida da mesma forma, com o mesmo pessimismo. A pessoa que sofre de desânimo patológico é aquela conformada com a realidade que ela própria instituiu para si. Ela se acha incapaz de mudar as coisas e ficará parada no sinal vermelho por toda a vida. O problema é que ela quer companhia

para ficar parada junto com ela, acha que as outras pessoas só conseguiram avançar e progredir graças à sorte ou a alguma ajuda externa, nunca pelos méritos próprios.

Quantas vezes na sua vida você avaliou que não era capaz de fazer algo? Como você encara suas frustrações? Essas são passageiras, ou influenciam seu comportamento todos os dias? São perguntas importantes que você deve fazer para si mesmo. As respostas podem mostrar se você está passando apenas por um momento de dúvida e insatisfação, ou sofre do desânimo patológico. Para transformar sua vida, esqueça suas frustrações, não tenha medo e viaje pela estrada que te apaixona. A paixão é a forma de motivação mais poderosa que existe. As pessoas felizes e realizadas trabalham naquilo que gostam. Ouvir o coração é primordial para quem quer fazer escolhas certas.

*Assuma o controle da sua vida e
desista do trabalho que escolheu se
você só vê obrigação nele.*

*Existem pessoas que se divertem
trabalhando.*

*Por que você não pode tentar fazer
o mesmo?*



Capítulo 11

Asas para voar

Passaram-se cinco anos após abrir pela primeira vez a porta do casarão da Lapa onde montei o *Rio Rock & Blues Club* até começar a escrever este livro. Era uma porta de ferro de enrolar, dessas típicas de loja. Abaixei-me, inseri a chave na fechadura, virei e fiz força para levantá-la. O barulho das engrenagens enferrujadas ecoou no interior do imóvel vazio. Entrei no velho casarão, olhei para cada parede, visualizei o que pretendia criar ali e suspirei. Me senti como uma criança que acaba de ganhar o presente que sempre sonhou e está ansiosa por começar a brincar. Nesse dia eu comecei a mudar a minha vida ao descobrir uma nova relação com o trabalho.

Eu havia superado inúmeros desafios até conseguir pegar a chave e abrir aquela porta. Se não fosse a paixão pelo meu projeto, eu teria desistido. O imóvel estava cheio de problemas estruturais, havia um processo de despejo do antigo locatário, dívidas na companhia de energia e uma série de obrigações a serem cumpridas para legalizá-lo. Mas, eu não estava agindo dando ouvidos à minha razão. Eu estava agindo ouvindo o meu coração e, por isso, não desisti. Ele me motivava a ir em frente e enfrentar qualquer coisa. A minha razão foi a parceira que me ajudou a encontrar as soluções para os problemas. E assim, eu segui adiante e fui superando os obstáculos.

Levei outras pessoas para conhecerem o imóvel e fazia com que elas imaginassem o mesmo que eu estava imaginando. Percebi que cada uma delas colocava um pouco da sua própria imaginação ali e isso fazia com que se sentissem parte daquilo. Compartilhamos sonhos e formamos uma equipe. Alguns mudaram de rumo ao longo do tempo, encontraram novos trabalhos e seguiram suas vidas em busca do crescimento e de suas realizações. Outros vieram depois, se integraram ao projeto, e assim, fui concretizando meu sonho passo a passo. Um sonho que já não era só meu.

Foram mais cinco anos até eu entrar novamente no casarão, olhar para as paredes em volta e dizer para mim mesmo orgulhoso: agora está pronto! Foram 10 anos de muito trabalho, ou melhor dizendo, de puro prazer. Curti cada dia trabalhando pensando alternativas para resolver os problemas, convivendo com as pessoas que foram minhas colaboradoras e com o público que dava *feedbacks* sobre o negócio. Após alguns minutos observando tudo, imaginei que a cor das paredes poderia ser diferente, que talvez ficasse melhor colocar os móveis em outra posição. Percebi que meu sonho não estava concretizado e que não estaria concretizado nunca porque eu não queria que ele terminasse. Comecei a vivê-lo quando peguei as chaves do casarão e decidi que faria daquele lugar o meu trabalho. Meu sonho verdadeiro, portanto, não era simplesmente montar um negócio e usufruir dos resultados depois de pronto, meu sonho era trabalhar com música e entretenimento, por isso, tive energia para superar todos os desafios. Eu não comecei aquela empreitada pensando no futuro, comecei pensando no prazer que aquilo me proporcionava diariamente. Eu acordava cheio de energia todas as segundas-feiras.

Nesse momento, tudo ficou muito claro na minha cabeça. O que eu verdadeiramente desejava era trabalhar nessa atividade, os resultados e conquistas foram meras consequências. Lembrei-me então da frase que diz: *O importante não é chegar ao destino, mas curtir a estrada*. Eu estava curtindo uma estrada que nunca acabaria. Encontro sempre uma nova curva, uma placa me abrindo novas e estimulantes possibilidades. Por isso, quando entrei no casarão 10 anos depois de pegar as chaves pela primeira vez, olhar para as paredes e dizer que estava tudo pronto, sabia que isso não era verdade. Nunca estará pronto porque eu nunca vou querer chegar ao fim da estrada.

E foi o que aconteceu. Em 2017 eu criei uma nova marca pensando em expandir o negócio e suas atividades. Eu estava chegando na minha quarta fase da vida, a de compartilhar, e queria transformar o local em um grande centro cultural que também inclui-se atividades educacionais profissionalizantes onde o lema seria “*faça o que você ama*”. Então criei a marca Rock Experience e o empreendimento passou a ter esse nome.

Finalmente, em 2020 nasceu a Escola do Entretenimento, o braço educacional da marca Rock Experience, que oferece cursos profissionalizantes na área de bares, shows e eventos em geral. A filosofia da escola é o maior aprendizado que eu tive na vida: a importância de curtir o que estamos fazendo todos os dias, em vez de ficar esperando que a felicidade chegue algum dia.

A Escola do Entretenimento ensina que, para construir um futuro feliz, o primeiro passo é entrar na estrada que te realiza e que te faz feliz hoje. Se você estiver se realizando hoje, terá mais chances de estar realizado amanhã. O futuro é um punhado de projeções que fazemos – *algumas pessimistas, outras otimistas* – do que acreditamos que irá acontecer lá na frente. O futuro não é

concreto, é fruto da nossa imaginação. O que é concreto é o hoje, é o que você está vivendo agora.

Muitas vezes entramos em uma estrada com o único objetivo de chegar ao destino final e, às vezes, esse destino final não é nada do que imaginamos. Nessa hora, a sensação de frustração é grande, porque, além de não recebermos a recompensa que esperávamos, também não desfrutamos do prazer da jornada. Se trabalhamos em vão e os nossos objetivos não foram atingidos, nos sentiremos melhor se, pelo menos, o trabalho que fizemos tenha nos proporcionado prazer.

Muitos amigos me ajudaram a mudar minha vida com seus ensinamentos. Um deles foi o mestre em gestão empresarial Jorge Matos. Ele é fundador da *Etalent*, uma empresa que se tornou uma referência no mercado em desenvolvimento de pessoas. Conheci seu trabalho quando fui seu assessor de imprensa e ficava impressionado como ele falava do seu empreendimento com enorme entusiasmo. Ele disse: “*Como sou apaixonado pelo que faço, acredito que nunca trabalhei. Acho que curti a vida intensamente*”. Aquela era a jornada dele e eu sentia uma ponta de inveja. Ele estava em uma estrada curtindo cada dia vivido e trabalhado enquanto eu ainda estava focado somente no futuro.

A *Etalent* analisa o perfil comportamental do indivíduo para encontrar o trabalho que se encaixe com sua personalidade. Seus ensinamentos me ajudaram muito a entender a importância de estabelecermos uma perfeita sintonia entre o nosso perfil comportamental e a atividade que realizamos. Eu senti uma sinergia perfeita entre a minha personalidade e o meu trabalho quando comecei o empreendimento que me apaixonava. Ao entrar na

estrada que meu coração apontou, eu me senti feliz diariamente, passei a acordar cheio de energia, sentir uma motivação intrínseca, superar todos os meus limites e fiz coisas que achava impossíveis. Trabalhando apenas por obrigação, eu jamais teria conseguido chegar aonde cheguei e jamais teria conseguido construir o que construí. Eu teria colocado sempre a razão em primeiro plano, não assumiria riscos, não ousaria tanto e não teria energia para romper as barreiras que encontrei no caminho.

A paixão é realmente uma força poderosa, talvez, a mais forte que exista capaz de impulsionar um ser humano a fazer o que, normalmente, não faria. Em cinco anos trabalhando com o que me apaixonou, eu mudei radicalmente, rejuvesci, fiz novos e grandes amigos, me tornei uma pessoa mais alegre e mais interessante, renovei meu casamento e sou grato à minha esposa pelo presente que desencadeou toda essa transformação: aquela guitarra que eu, carinhosamente, chamo de *Número Um*.

O *Rio Rock & Blues Club* fez história e deixou saudade. O Rock Experience segue sua jornada com novos administradores. É uma referência em seu segmento no Rio de Janeiro, um lugar aonde as pessoas vão para passar bons momentos, fazer amigos e se divertir tendo a música como centro de tudo. A música é fantástica, capaz de nos fazer voar, de nos tirar do solo e nos fazer experimentar emoções inesquecíveis.

não transformou apenas a minha vida, transformou a vida de muitas pessoas também: casais que estavam à beira da separação e que se reconciliaram no *Rio Rock & Blues Club* enquanto assistiam a um show; outros que se conheceram lá e tiveram relacionamentos felizes; uma senhora que estava em depressão, à beira do suicídio, e recuperou a alegria de viver depois de passar

a frequentar a casa; um músico alcóolatra que se curou do vício tocando conosco; entre outras histórias. As pessoas criam expectativas antes de sair para se divertir. Todos querem ir a um lugar mágico, com uma aura especial, que proporcione momentos únicos e memórias marcantes. Para mim é um prazer receber todas essas pessoas, compartilhar essas mudanças e transformações. Essa é a estrada que me apaixonou.

O *Rio Rock & Blues Club* também muda a vida de quem trabalha nele. Orgulho-me de ter ajudado diversos jovens a encontrar um caminho profissional: essa se tornou a minha missão. Fico feliz quando um colaborador deixa a casa e retorna tempos depois para contar sua história de sucesso e como o *Rio Rock & Blues Club* ajudou-o na construção de sua carreira. Toda essa filosofia torna esse lugar especial, um lugar onde as pessoas realizam seus sonhos, os mais diversos.

Vejo muita gente como eu era, muitos profissionais que exercem outras atividades, mas que têm a música como paixão. Vejo-os no palco, com suas bandas amadoras, desfrutando de momentos de inigualável prazer. Vejo-os se dedicando mais apaixonadamente aos seus shows que os próprios músicos profissionais que tocam na casa. É um sentimento único. Uma vez por semana, eu também subo no palco com minha banda. Nesse momento, eu vivo meu sonho plenamente. É incrível como minha paixão contagia as pessoas.

Finalmente, em 2020, passei a me dedicar à Escola do Entretenimento, meu projeto final onde eu compartilho essa filosofia que transformou a minha vida, e também ao Instituto Imprendere, onde compartilho estudos sobre motivação.



A filosofia do *Imprendere*

Hoje, defendo que o indivíduo deve estar sempre em perfeita harmonia com sua atividade profissional, que deve encontrar nela uma fonte de prazer e satisfação e que essa é a condição imprescindível para alcançar o sucesso, a verdadeira realização pessoal e a plena felicidade. Para disseminar essa filosofia promovo palestras e encontros para trocar experiências e compartilhar conhecimentos na área de desenvolvimento pessoal e organizacional. Meu objetivo é mostrar a razão do trabalho, não apenas como um meio para atingir objetivos, mas como o próprio objetivo.

Hoje, defendo que todos os indivíduos sejam motivados a exercer uma atividade pela qual sintam paixão e possuam verdadeira vocação; que não se deixem levar ao longo da vida pelo caminho do mais fácil, do mais compensador ou do mais seguro; que façam suas escolhas de forma determinada, corajosa, jamais esquecendo seus sonhos; que busquem o autoconhecimento e a capacitação necessária para terem sucesso na atividade que escolheram e que lhes proporciona verdadeiro prazer.

Para atingir esse objetivo, todo indivíduo deve passar por quatro etapas em seu processo de evolução, que acontecem obrigatoriamente em sequência:

O tempo da Descoberta – é a fase em que o indivíduo identifica seus verdadeiros desejos, sonhos, vocações e aptidões antes de decidir o que fazer na sua vida profissional.

O tempo de Aprender – é a fase em que o indivíduo adquire as competências e conhecimentos necessários para fazer aquilo que escolheu em busca da sua realização.

O tempo de Construir – é a fase em que ele aplica o que aprendeu e realiza seus objetivos.

O tempo de Compartilhar – é a fase em que ele dá sua contribuição para a sociedade, mostrando os caminhos que traçou, compartilhando suas vivências e conhecimentos, ajudando outras pessoas a se desenvolverem.

Esse ciclo pode se repetir inúmeras vezes durante a vida. É normal que o ser humano passe por transformações. Sua personalidade e seu comportamento podem mudar ao longo do tempo e, por isso, seus sonhos e desejos também mudam. Uma mudança de caminho jamais deve ser encarada de forma negativa. Ela pode ser fruto de uma transformação natural do indivíduo, de uma necessidade ou de novas descobertas. A natureza está em constante transformação e nós não fugimos à regra, estamos constantemente nos adaptando a novos ambientes e tendências. O importante é sempre buscar a plena realização no trabalho.

Por isso, passei a ministrar palestras sobre motivação, criei programas de desenvolvimento pessoal, com foco na felicidade no trabalho, e de lideranças para ajudar organizações a construir ambientes de trabalho mais estimulantes. Essa é a missão que eu adotei depois de viver tudo que vivi e fazer as descobertas que fiz.

Eu não abandonei todo o aprendizado e experiências que tive durante meus 20 anos fazendo o que não gostava. Eu incorporei o meu lado obstinado e ambicioso, que eram os pontos mais fortes da minha personalidade. Juntei as qualidades boas daquele indivíduo que só pensava em conquistar objetivos no futuro e esquecia de viver o presente ao Marcelo Reis atual, o músico/empresário, preocupado com as questões da vida de uma

forma mais ampla, que vive o presente, consciente de que o amanhã será fruto do que for feito hoje, e que deseja compartilhar seus conhecimentos para ajudar pessoas a descobrirem suas essências e encontrarem a felicidade no trabalho.

Mantenho o *Instituto Imprendere* com a missão de estudar essas questões e facilitar o processo das pessoas nas suas descobertas. Eu me realizo ao ajudá-las. A personalidade que eu tinha era o que me impulsionava para frente, e hoje, eu sei que esse andar para frente precisa ser com prazer, plantando sementes de felicidade todos os dias. Quanto mais felicidade eu plantar, mais felicidade colherei.

Hoje me sinto com asas que passaram a fazer parte da minha vida. São um símbolo que eu adotei para representar o que aconteceu comigo. A música me deu essas asas desde que eu era muito pequeno, creio que nasci assim. Tive medo de usá-las durante muito tempo, de pular da montanha e voar. Não sabia que eu havia nascido para isso e, por isso, jamais voltarei a tomar atitudes que contrariem a minha essência, a minha sede de liberdade, a minha vontade de estar nos lugares onde, efetivamente, me sinto bem, e fazer aquilo que realmente gosto. Nunca mais olharei para o futuro como o lugar onde quero estar. O lugar onde quero estar agora é no presente.

Um dos meus grandes mestres chamava-se Luiz Carlos Campos, ele foi presidente da Associação Brasileira de Recursos Humanos e eu fui seu assessor durante sete anos na época em que trabalhava com publicidade e assessoria de imprensa. Uma das frases que ele costumava repetir para mim era: "*Marcelo, a gente não constrói futuro, a gente constrói passado*". Eu estou construindo meu passado agora, deixando um legado valioso de estímulo, inspiração e conhecimento para as pessoas.

Hoje tenho amigos verdadeiros, com quem compartilho momentos de felicidade e tristeza. Os momentos difíceis ficam mais fáceis de serem superados quando estamos rodeados de pessoas com quem nos identificamos. Para mim, agora não importa onde eu vou estar, o que importa é com quem vou estar. Já não importa quanto vou ganhar, mas como vou ganhar, e isso significa fazer alguma coisa com prazer, que agregue valor para mim e para os outros. Hoje, eu posso dizer que sou uma pessoa de sucesso, não porque acumulei bens, prestígio, *status* social, mas simplesmente porque estou na estrada onde efetivamente quero estar e que me faz feliz.





Leitura recomendada

A vida que vale a pena ser vivida

Clovis de Barros Filho

Editora Vozes

Talento para a vida

Jorge Matos e Vania Portela

ETalent

Fora de Série (Outliers)

Descubra por que algumas pessoas têm sucesso e outras não

Malcolm Gladwell

Editora Sextante

A descoberta do Fluxo

Mihaly Csikszentmihalyi

Editora Rocco

A Ciência do Bem-viver

Mônica Portella

CPAF-RJ

Créditos e agradecimentos

Arte da capa, projeto gráfico e ilustrações

MR&G Design

Fotos

arquivo pessoal do autor, Alessandro Dahan, Regina Reis e Débora Melo

Revisão

Andréia Gomes Durão

Agradecimentos

Adalberto Santos Filho e Carmem L. C. Dutra, por suas relevantes contribuições para o livro; *Leonardo de Medeiros Vieira*, por ter aceito minha proposta de fazer shows no galpão do seu restaurante (*se ele não tivesse acreditado em mim, essa história não teria acontecido*); meus companheiros de banda, *Fernando Kroll, Roberto Soares e Marco Bombom*, com quem desfruto de momentos de prazer inigualáveis no palco; meus parceiros no *Rio Rock & Blues Club, Cláudio Barbosa, Everton Gnap e Ana Cristina Antunes*.

A todos os meus amigos, a minha mais profunda gratidão por confiarem em mim.

Impressão

Gráfica MCE

Até que enfim é segunda-feira

Para conhecer os estudos do *Instituto Imprendere*

www.institutoimprendere.com.br

Acompanhe “**Até que enfim é segunda-feira**” nas redes sociais, converse com **Marcelo Reis** e compartilhe mais histórias de realização profissional e de paixão pelo trabalho.

<https://www.facebook.com/paixaopelotrabalho>

Contatos com o autor para palestras e eventos:

marcelomouradosreis@gmail.com

www.linkedin.com/pub/marcelo-moura-dos-reis/57/673/aba

1ª edição
Março/2013

2ª edição
Agosto 2020